

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

VIVENDO SEMPRE

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ESPÍRITOS DIVERSOS**

EDITORA IDEAL

Sumário

Vivendo Sempre

- 1 - Judith Moraes Dias / 04
- 2 - Laerte Assyrio Chaves / 09
- 3 - Marisa Lorena Babini / 14
- 4 - Antonio Carlos Mundim / 18
- 5 - Cássio Leme Maciel / 22
- 6 - Alzira de Oliveira / 29
- 7 - Luiz Rodrigues Neves Jr. / 33
- 8 - Ivone Martins Zazino / 36
- 9 - Carlos Gataz Stur / 42
- 10 - João Alves de Sousa Reis Filho / 47
- 11 - Luiza Biondi / 51
- 12 - Pedro Luis Pantaléo / 56
- 13 - Eduardo Budaszewski / 59
- 14 - Cláudio Rogério Alves do Nascimento / 63
- 15 - Cezer de Melo / 69
- 16 - Oswaldo Gomes Coimbra Filho / 73
- 17 - Eddie Barroso Soares / 78
- 18 - Arnaldo Bedaqui Junior e José Donizetti Bedaqui / 84
- 19 - Frederico Birnstiel / 91
- 20 - Paulo Roberto Cossi / 95

Leitor amigo:

Quando as indagações, em torno da morte venham a ferir-te...

Quando o futuro se te desenhe, na imaginação, qual escuro despenhadeiro guardando apenas cinzas...

Quando a saudade dos entes amados que te antecederam, na Grande Mudança, se te faça lâmina invisível no coração...

Quando a incerteza, quanto ao próprio destino, te invada o pensamento... Quando sombras e dúvidas te ameçarem o raciocínio, abre este livro e informa-te quanto ao conteúdo das páginas que o integram, cujos autores, liberados do Plano Físico, as escreveram, entre esperanças e lágrimas de alegria e reconhecimento.

Nestas notícias e confidências, iluminadas de amor, certificar-te-ás de que Deus jamais nos abandona e de que, acima da morte, somos herdeiros da imortalidade, vivendo sempre.

Emmanuel

Uberaba, 7 de setembro de 1981



A expressão "Querida filha, a conversa entre mãe e filha não tem ponto final..." amplia-nos a compreensão do amor. Transporta-nos ao infinito, envolve o pensamento projetando-nos para Deus.

Não há ponto final em nossas vidas. Não há barreiras que nos interrompam o intercâmbio de amor.

A união da família, solidificada na fé cristã, vence qualquer obstáculo e Judith, no seu recado de mãe, serena, demonstra ver nos minutos finais do corpo os vultos e luzes que lhe clareavam o quarto e faziam-na reconhecer-se no fim do veículo físico.

A saudade, as esperanças do reencontro com o esposo, lhe deixava o coração oscilante, entre ele e os filhos que ficaram.

A oração, restaurando-a na condição de alimento da alma, eliminava os efeitos deixados pela doença. As forças se lhe refazem, os objetivos dos ensinamentos de Jesus são alcançados. A felicidade não é deste mundo.

Pessoas e fatos

Filhos: Adolpho Magno, Zilda Moraes Dias, Zélia Moraes Dias Berghammer, Maria Thereza Moraes Dias Vitta (Therezinha). Avó:

Maria Thereza, materna.

Filhinha, expressão carinhosa a qual identificava sua irmã, Maria Custódia de Moraes.

Berg, Ferdinand Berghammer, Lauro Vitta, genros.

Hilda Pereira Moraes Dias, nora, residente em Campinas. Tia Sinhá, Maria de Almeida Pires, tia avó.

Sanatório Dr. Mariano Dias, de doenças mentais, iniciado pelo Dr. Mariano Dias, localizado em Barretos - SP.

Amigos da família: Vandir, esposa do Dr. Carlos Alberto de Carvalho Dias, atual presidente do Movimento Assistencial Espírita Maria Rosa, em Campinas (Grameiro), SP. Fazenda Palmeiras, localizada nas imediações de Barretos, na ocasião, do Alferes João José de Vicente Mesquita Carvalho. Dentre as pessoas citadas, algumas são conhecidas somente pelos familiares mais idosos.

Amigos da família no plano espiritual: Dr. Antonio Olímpio, fundador da cidade de Olímpia, Professor Fausto Lex, Alzira, Maria Vieira Marcondes, Esther Reis, Celina Rios, na ocasião residentes em Barretos.

Padre Manoel Euzébio, na ocasião, Vigário da Igreja Matriz de Barretos, onde se encontra exposta sua foto.

Mensagem

Querida Isolda.

Minha querida filha, Deus abençoe a você e a todos os corações queridos em casa.

Parece um sonho achar-me aqui, na companhia do Mariano de maneira a enviar minhas notícias.

A 31 tivemos o terceiro aniversário de minha nova vida. Embora toda aquela nebulosidade que me invadia a cabeça, então entre os dois mundos, sabia que piorara justamente em dias de festa para o meu coração.

Adolpho e você aniversariavam e sinceramente não desejava ser

motivo para qualquer tristeza em casa. Mas comecei a ver Mariano e Filhinha perto de mim e não sei explicar a você, minha filha, o que aconteceu.

Desejava transmitir à Zilda e a vocês o quadro em que me reintegrava, mas a palavra esmorecera na garganta. Via luzes que clareavam o quarto e vultos, oh! os vultos que me fizeram reconhecer que o fim do corpo físico estava prestes a chegar.

Às vezes queria falar do que observava, mas era difícil.

Meu cérebro parecia um barco oscilando entre duas praias. Recordo-me de que troquei muitas frases por outras, sem alinhar os assuntos.

O corpo estava exausto, querida Isolda.

As forças se haviam quebrado.

E aquela saudade de seu pai de repente se iluminava de tanta esperança para o reencontro que o meu espírito de mãe balançou entre ele e vocês, os amados filhos que ele próprio me dera. Chorava e ria, alegrava-me e feria-me ao mesmo tempo.

Orei no silêncio, embora acompanhando as preces que vocês faziam carinhosamente para mim.

A oração, naquelas alturas de sofrimento físico, era alimento que me nutria.

Ela falava de Deus, de Jesus, de Nossa Mãe Celestial.

Repetia lembranças de velhas afeições e eu me sentia, em vez de mãe, a criança que as escutava. O passado regressava à memória e um doce consolo me abençoou o coração, porque a velha mãe recebia de vocês as preces que eu lhes ensinara na infância. Terminamos juntos os cultos de amor a Deus e a Jesus que começáramos.

Mariano me surgia à maneira de um retrato vivo em relâmpagos de luz e depois Filhinha apareceu e explicou-me que o corpo não suportava mais.

Tia Sinhá e minha avó Maria Thereza me faziam pensar que havia

retornado à juventude.

Não pude mais.

Em pensamento, abençoei-as a todas filhas queridas, juntamente de nosso Adolpho e entreguei-me à vontade de Deus.

Doia-me o coração deixar a Zilda com tantos deveres, mas eu sabia que providências de Jesus surgiriam em nosso favor.

Zilda tivera comigo a ligação que mantive com Filhinha a vida inteira.

Não a separava com egoísmo, mas sabia que você, querida filha, estava ligada a uma enorme família de Jesus, em Eldorado, que Zélia devia acompanhar o marido, que Therezinha encontrara um apoio no lar e que o Adolpho era um homem senhor de si mesmo.

Zilda era aquela ave de ternura que talvez tivesse aceitado a gaiola da renúncia por minha causa.

No íntimo, porém, eu sabia que vocês estavam unidas e orei rogando a Jesus nos conservasse essa bendita união.

Mariano me fez sentir que a fé em Deus devia prevalecer sobre nós e descansei tranqüila.

Quando despertei, quis seu pai que me visse com ele em Barretos, na obra que ele até hoje de certo modo preside.

Antigas amizades nossas ali estavam...

Era o retorno a um estado espiritual que não compreendia de todo.

Estava dividida entre Barretos e Campinas. Mas pude rever amigos queridos que seu pai me trouxe ao reconhecimento, quais os nossos amigos Dr. Antonio Olímpio, o Professor Fausto Lex, a irmã Alzira, o irmão Mário Vieira Marcondes, o padre Manoel Euzébio, a irmã Esther Reis, a irmã Celina e tanta gente que me reconfortava em minhas lágrimas de emoção.

Continuo junto do nosso querido Mariano assumindo os pequenos encargos que posso, mas não me esqueço das filhas queridas e já tenho podido ir em sua companhia ao Eldorado e incentivar a Zilda para que acompanhe Therezinha nas tarefas assistências com nossa

irmã Vandir.

Peço a você dizer à Zilda para não se entristecer se a Zélia e o Berg se retiraram para outra moradia, pois, com a bênção de Jesus, o nosso Adolpho hoje é um homem com as responsabilidades do casamento e a nossa Hilda é para nós uma filha e uma irmã. Tudo se resolve em paz, quando procuramos a paz.

Querida filha, a conversa entre mãe e filha não tem ponto final.

Escrevo rapidamente não porque apenas três anos de espiritualidade me tenham transformado em jovem de movimentos ágeis, mas sim porque seu pai pousa a mão dele sobre a minha para que as minhas notícias corram sobre o papel.

Rogo a você agradecer a todos os nossos corações queridos por todo o auxílio que me prestaram. Sou devedora de todos.

Querida Isolda, receba a minha prece de bênçãos, extensivas às meninas, ao filho, à nora e aos genros.

Diga à Zilda que tenho descansado em companhia de 12seu pai nas preces que formulamos pela paz e felicidade de todos, em paisagens que nos recordam Barretos de outro tempo, na Fazenda Palmeiras do Alferes João José de Carvalho e na Fazenda que pertenceu ao nosso amigo Vicente Mesquita.

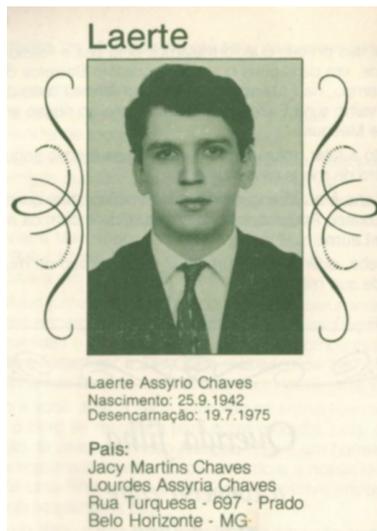
Tanto a falar, mas o tempo esgotou-se e devo seguir ao encontro de meus novos deveres.

Mariano e eu abençoamos todas vocês, filhas queridas, com o nosso Adolpho, com a nossa Hilda e com os nossos Berg e Lauro.

Receba, querida filha, um beijo e um abraço de muito amor de sua mamãe,

Judith

<p>Querida filha, a conversa entre mãe e filha não tem ponto final. Tudo se resolve em paz, quando procuramos a paz.</p>
--



Ao reconhecer-se no Plano Espiritual, a beleza envolvente no coração de Laerte, em reconhecimento ao amor de seus pais e confirmado pela presença de Espíritos Amigos que o socorreram em gratidão por tudo que receberam quando asilados na Terra. Mães agradecidas pelas visitas que seus filhos, ainda no mundo, recebem. E o desejo de conhecer o menino que fora vítima ao chocar-se com seu avião, do companheiro programador do vôo e o conhecimento do afastamento do público pelos muitos amigos espirituais.

O valor dessa mensagem se reveste de grande importância para nós outros, em geral.

Pessoas e Fatos

Irmã: Licia Assyría Chaves, caçula.

Avós: Mariana, materna, desencarnada 6 meses antes. Bisavô Assyrío, materno, desencarnado no Líbano.

Cunhado: Marido de Licia Assyría.

Criança mencionada: Menor falecido por ocasião do acidente, quando o avião bateu em uma parede e esta atingiu a criança.

Virgílio de Almeida: conceituado espírita, amigo e vizinho,

desencarnado.

Mensagem

Querida Mãezinha Lourdes.

Abençoe-me.

Se posso começar esta carta com alegria, quero dizer ao seu carinho que seu filho está infinitamente reconhecido por sua lembrança.

Escutei suas preces.

"Eu queria Dr. Bezerra, em nome de Jesus, notícias de meu filho em seu aniversário. Isso será nova energia para mim"

Seus pedidos ao benfeitor, a quem passamos a dever tanto, me tocou as entranhas da alma.

Uni-me às suas rogativas.

"Desejo, meu Deus, gritava em pensamento, dizer à Mamãe que sou grato"

E parece que uma ligação de alma para alma se fez de tal modo que o amigo espiritual com a vovó Marina me trouxeram até aqui.

Mamãe, muito obrigado.

O nosso dia 25 deste mês passará como os anteriores, com o seu coração em prece a me iluminar os caminhos, passará com as suas mãos repartindo bênçãos e com o meu espírito aprendendo a seu lado.

Aqui, pude entender com mais segurança as suas tarefas com meu pai Jacy, buscando minorar o sofrimento daqueles que sendo da família humana eram e são igualmente nossos irmãos.

Às vezes, embora não dissesse, pelo respeito que sempre me inspiraram, às vezes, repito, indagava de mim próprio porque a senhora e papai trabalhavam tanto para auxiliar fora de nossa casa a corações que eu supunha desconhecidos.

Mas aqui muitos desses irmãos me aguardavam; eram velhinhos

que assim o foram no mundo, que me falavam de seu amor por eles na casa de Paulo de Tarso, eram mães agora consoladas e felizes que se referiam às suas visitas afetuosas aos filhos sofredores que ainda acalentam o mundo...

Isso tudo era tão novo e tão belo para mim que embora o sofrimento da separação do lar e dos meus me atingisse o coração por lâmina que se me entranhasse no peito, entendi mais depressa a obrigação de reagir.

A queda do avião fora um acontecimento de expressão indefinível.

Quando reconheci que a descida desgovernada era problema sem solução, pensei em suas preces por um segundo só...

Sabia que embaixo, no campo, devia estar a multidão em festa, conquanto a chuva que caíra momentos antes...

Entreguei-me, porém, a Deus, e nada mais senti que um longo arrepio precedendo o sono agitado em que penetrei...

O que foi semelhante pesadelo, não sei contar. Sei apenas que me vi com a Vovó Marina e com o bisavô Assirio num campo de repouso que julguei a princípio fosse uma dependência de hospital para acidentados....

Até que me convenci de que não mais me vinculava ao Plano Físico, hesitei muito em admitir a verdade.

Vovó Marina me conduziu, então, à nossa casa e vi que a senhora não me via mais e, porque eu chorasse, me recordo de que o seu pensamento foi atraído para um retrato meu e ouvi as suas preces encharcadas de lágrimas por minha causa...

Então, foi a renovação em mim, porque a via quase que em desânimo com o papai desolado, diante da ocorrência...

Não sei como pude retomar as preces do tempo de criança, das quais já me havia esquecido...

E pedi a Deus lhes reerguesse as forças e os fizesse novamente viver. Daí para cá, venho passando por transformações e transformações.

Até hoje ignoro o destino do companheiro que me levou ao vôo extra-programado e sei apenas que o socorro antecipado de muitos amigos espirituais provocaram o afastamento do público do local em que supunha viéssemos a fazer muito estrago.

Sei igualmente que uma criança foi arrancada à família, naquele instante inolvidável, mas nossos benfeitores daqui me acomodam o pensamento recomendando-me tempo de espera maior a fim de vê-la.

Agradeço, Mamãe, agradeço ao seu carinho e ao carinho de meu pai por todas as bênçãos com as quais acendem sinais luminosos em meus novos caminhos.

Diga ao cunhado e à nossa Lícia que posso ainda tão pouco, no entanto, estarei com todos os corações queridos que deixei na Terra a fim de lhes ser útil.

Qualidades me faltam para isso, mas já possuo fé em Deus e sei que a Divina Providência fará por mim aquilo que ainda não sei, nem posso fazer.

Mamãe, abençoe-me e abençoe a todos os corações amados dos quais me separei, atendendo aos desígnios da Vida Superior.

Peço seja dito ao meu pai que muitos benfeitores daqui o auxiliaram na retomada da saúde.

Continuemos todos juntos.

Creia que teria desejado ficar em casa e prosseguir com todos os meus na viagem da Terra, mas os decretos de Cima funcionam de modo decisivo e sabemos que a Lei de Deus faz sempre o melhor que possamos receber.

Agradeço as preces dos amigos queridos e desejo comunicar à senhora que o nosso amigo Virgílio de Almeida, nos tempos últimos, tem sido para mim um instrutor e um amigo, treinando-me em tarefas da Vida Espiritual com a bondade que a senhora conhece.

Agora, querida Mãezinha, não posso alongar-me.

É preciso terminar esta carta do coração, embora saibamos que

nenhuma carta do coração pode ter fim.

Guardando a senhora e meu pai Jacy nos próprios braços que continuam fortes como sempre, peço-lhes de novo para que me abençoem, ao mesmo tempo que lhes entrego todo o meu coração de filho reconhecido.

Laerte

Agradeço, Mamãe, agradeço ao seu carinho e ao carinho de meu pai por todas as bênçãos com as quais acendem sinais luminosos em meus novos caminhos.



Filha, esposa e mãe dedicada, Marisa incentivava seus familiares a continuarem com a vida de amor e carinho, que muito recebeu.

Externa seu coração, não como esposa ou filha, mas como mulher cristã que se viu chamada aos testemunhos de fé em Deus.

Com palavras de incentivo e coragem, traz ao seu companheiro, que lhe fora o esposo na Terra, o valor de sua presença, junto aos familiares, na continuidade dos desígnios que Deus nos reserva.

Marisa aí está, completa com informações lúcidas, a paz e a confiança em Jesus.

Pessoas e Fatos

Esposo: João Babini

Filho: Alexandre Lorena Babini

Avós: Maria Crepaldi, materna, desencarnada. José Lorena, paterno, desencarnado.

Mensagem

Querida Mãezinha Aládia, querido Papai e querido João, meu pensamento se recolhe na oração, suplicando a Jesus abençoar-nos.

Creiam que não me sinto capaz de escrever como desejaria.

Ainda me sinto quase que naquele mesmo clima de domingo na Imigrantes. O choque foi muito grande para mim, porque não esperava a campanha de renovação para assim tão cedo, no meu modo de entender...

Ver-me arrancada dos meus, justamente quando o nosso Alexandre era comigo e com o João a esperança de nosso futuro, me doeu de maneira inexplicável.

Não estou inconformada, estou surpreendida. Entretanto, rogo para que me ajudem.

Mamãe, a princípio, acordando num ambiente estranho, não poderia supor que me achasse em outra casa que não fosse algum instituto para socorro de emergência, e por isso chamei por sua presença, de meu pai e pela presença do João quase que desesperadamente.

Foi a vovó Maria Crepaldi quem se abeirou de mim, com o intuito de pacificar-me.

Acomodar-me à situação não era assim tão fácil, mesmo porque, além do Marido, um filhinho estava à minha espera...

O resultado foi aquele pranto de criança incompreendida, que a vovó Maria se encarregou de consolar.

Confesso-lhes que estou melhor, mas sentindo a saudade por espinho oculto no coração.

Sei, porém, graças a Deus, que tenho a obrigação de me conformar e considero isso um passo à frente para a compreensão maior.

Querido João, peço-lhe coragem. Reconheço que você, jovem, qual se vê, faceará obstáculos grandes em regime de solidão, no entanto, creia que a esposa e amiga de sempre estará ao seu lado em

qualquer decisão que venha a assumir. Hoje creio que todas as mulheres, primeiramente são Mães espirituais dos próprios esposos.

E sentindo-me agora nessa condição, rogo a Jesus oriente os seus passos.

Apenas peço a você, se me permite fazer isso, deixar o nosso pequenino, com o papai e a querida mamãe, presentes.

Eles que me criaram em seus braços repletos de amor, saberão acalentar o nosso Alexandre em seu desenvolvimento. Com estas palavras não estou proclamando a nossa separação.

Estou simplesmente buscando aceitar a realidade das ocorrências, de vez que me sensibiliza muitíssimo saber você ainda um tanto desarvorado. Rogo-lhes não pensarem em mim como sendo alguém cuja memória lhes deve tolher os passos.

Os dias são poucos de minha permanência neste novo santuário familiar em que me vejo, mas, felizmente, já consigo entender com a lucidez precisa a minha própria situação.

Agradeço as preces e os mimos que me ofertaram em nossas datas festivas em casa, quando os vi tristes e fatigados, ante as alegrias do Natal e do Ano Novo, mas estejam convencidos de que anseio vê-los todos bem dispostos no trabalho e confiantes na fé que abraçamos.

Tudo se normaliza e o tempo de novas flores chegará para cada um de nós.

João querido, perdoe as minhas considerações.

Falo aqui, não por esposa desinteressada, mas, sim, na condição da mulher cristã, que se vê chamada a testemunhos de fé em Deus.

Deus providenciará toda a renovação de que estamos necessitados. Meu abraço a todos de casa. Mãezinha Aládia e Papai, vovó Maria me ampara enquanto escrevo e o vovô José Lorena nos encoraja.

Compreendo que o meu tempo aqui está esgotado, mas não posso deixar de enviar ao querido Alexandre todo o meu coração maternal. Querida Mamãe, com todos os nossos e para todos os nossos, deixo

a minha alma saudosa e reconhecida.

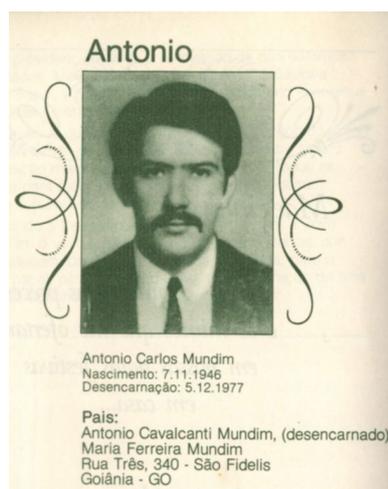
E pedindo a Deus amparar-nos a todos, com a Vovó Maria, com o vovô José Lorena e os amigos outros, que nos fortalecem, deixa para a querida Mãezinha, para o querido papai, para o querido João, todo o coração da filha e esposa reconhecida.

Marisa

Mãezinha...

Agradeço as preces e os mimos que me ofertaram em nossas datas festivas em casa...

Anseio vê-los todos bem dispostos no trabalho e confiantes na fé que abraçamos.



Trazendo a verdade consoladora, nas palavras descritas com carinho e de maneira a não agredir o coração de quem as ouve ou lê; o valor da explicação na consciência do trabalho e a valorização de Deus; a desincumbência de sua mãe e da família na procura dos supostos culpados pelo acidente que o acometera, Antonio Carlos retrata com clareza e segurança o seu pensamento: "A injustiça não faz parte dos princípios que nos governam."

Pessoas e Fatos

Irmãos: Dailton Cavalcanti Mundim e Dinair Cavalcanti Mundim.

Esposa: Lima Gomes Mundim.

Filhos: Carlos, Nelia Carla e Luciene.

Avós: Armando Cavalcanti e Clarinda Augusta Mundim, paternos.

Tios: Gomes da Costa Ferreira, desencarnado no mesmo acidente.
Joaquim Gomes Pinto, materno.

Mensagem

Querida Mãezinha, este é um momento difícil em que novamente lhe peço para que me abençoe.

Ignoro como escrever esta carta.

Tenho o pensamento ainda traumatizado pela ocorrência de dezembro. Se falharem os meus recursos para escrever ao seu carinho, como é de meu desejo, rogo me desculpe, consertando minhas expressões. Suas lágrimas, com os pensamentos de meus irmãos são orações que me despertam devagar.

Aquele choque de veículos, entre Bulhões e Bonfinópolis, ainda me ressoa no cérebro qual se fosse uma bomba a me estourar nos ouvidos.

Lembro-me: um caminhão desgovernado atirou-nos o carro para uma frente que não sei descrever. A batida foi violenta, de tal modo que o tio Gomes e eu nos sentimos projetados para fora sem saber como se verificou o acontecido.

A princípio, em minha cabeça tudo era sonolência com a esperança de acordar em algum lugar de socorro; mas, da sonolência passei a um sono profundo de que somente voltei com o seu pranto e o pranto de nossa querida lima a chamar-me.

Julguei houvesse sido instalado em algum pronto-socorro, no entanto, em tempo breve, tudo ficou muito claro. Meu avô Armando Cavalcanti e o meu tio Joaquim se deram a conhecer e pude receber a verdade com o assombro de um menino que se vê, repentinamente, arrebatado de casa para o desconhecido.

Não posso recusar à senhora a verdade de que não me foi fácil aceitar a nova situação. A senhora, com meus irmãos, a lima, o Carlos, a Nélia Carla e a Luciene estavam em meu pensamento agitado e chorei imitando as crianças que se desconsolam com as realidades da vida.

Compreendi, porém, que era preciso levantar-me por dentro, forrar o coração com a força da fé em Deus e entender que as Leis de Deus não sofrem qualquer engano...

Agora estou mais sereno, conquanto o anseio de resolver todos os nossos problemas de uma só vez, me aflija o coração.

A senhora pode, no entanto, ficar certa de que estou melhorando.

O tio Gomes, que faria cinqüenta e nove janeiros anteontem, está mais abatido do que eu mesmo. Mas a vida continua e, com a vida, Deus prossegue amparando-nos a vida e o caminho.

Venho pedir-lhe conformação e coragem. Rogue reconfortar-se na confiança em Jesus, porque estou a me esforçar por melhoria, a fim de auxiliá-la no apoio às crianças.

Peço para que ninguém se preocupe em buscar supostos culpados em nosso processo de desencarnação.

Mamãe, as leis de Deus são justas. Se o seu filho deveria terminar a experiência física na estrada, isso deve ter sucedido para meu benefício próprio. A injustiça não faz parte dos princípios que nos governam.

Tenhamos confiança. Por enquanto, o pensamento ainda amarrado ao lar e à família não me permitem angariar definições, referentes ao destino, mas no futuro saberemos o porquê das provações do presente, cujas raízes se ocultam no passado.

A hora me pede resolução e energia para não me curvar às sugestões do desânimo.

O trabalho está neste meu mundo novo, da mesma sorte que aí no plano físico e empenharei minhas possibilidades na adaptação ao novo modo de ser para conseguir meios de ser útil à senhora e a todos os nossos.

Lembre-se, querida mamãe, que se falo em caminhão não menciono o motorista. Quem teria prazer em provocar o mal? Quem faria um acidente por gosto ou capricho próprio?

Não cogitem de identificar autor ou autores imaginários do desastre que me abriu as portas da espiritualidade. Admita que a máquina que se atirou contra a nossa estava conduzida por alguém de nome "destino". Com isso, não quero dizer que há destinação para o mal, e sim que na região de meus débitos o encontro daquela noite de dezembro era inevitável.

Confiemos a Deus todas as fases do problema que já foi solucionado com a nova situação em que nos achamos e marchemos com fé em Deus para adiante.

Não consegui que o tio Gomes viesse em minha companhia, entretanto, asseguro-lhe que estamos com o melhor que poderíamos receber no Banco da Providência Divina.

Mamãe, a todos os nossos, com a nossa lima em meu lugar ao seu lado, por filha do coração, agradeço e agradeço ainda os pensamentos de meu pai de quem venho recebendo tanto amor com a assistência espiritual, dos protetores, da Vovó Clarinda e, com o meu beijo de reconhecimento e carinho em suas mãos, sou o filho reconhecido aprendendo de novo a orar a Deus, rogando aos Céus por paz e por nossa felicidade.

Sempre o seu filho reconhecido,

Antonio

<p>Mãezinha, era preciso levantar-me por dentro, forrar o coração com a força da fé em Deus e entender que as Leis de Deus não sofrem qualquer engano.</p>
--



Pais e filhos de consciência cristã elevam a vida existencial ao Supremo Poder, canalizando os corações de boa vontade a conceituarem no relacionamento humano a certeza de que "Fora da Caridade não há Salvação".

É na família terrena e, na família espiritual, que está o verdadeiro sentido de vida comunitária cristã.

Nascer para si, para o semelhante é nascer para Deus. A reencarnação é o renascimento constante.

Cássio aponta em sua nova experiência espiritual, no reencontro com os familiares, a existência dessa verdade, renascer na Terra é renascer para a Pátria Espiritual.

Pessoas e Fatos

Esposa: Pia Passini Maciel, desencarnada em 23.7.1975.

Mãe: Acácia Leme Maciel, desencarnada em 20.01.1922.

Filhas: Nair, Lucy, Darci, Ariela, irmãs de Acácia.

Netos: Stella Maria, André Luiz, Célia Maria, Eliane, José Pedro.

Genros: Celso Cassanha, Benedito (Billy) Pedro dos Santos.

Irmã: Carminha, uma das fundadoras do Lar do Amor Cristão, desencarnada em 31.07.1976.

Amiga da Família: Yolanda Cezar, Vice-Presidente do Lar do Amor Cristão.

Cy - Forma carinhosa de chamar a filha Lucy na intimidade.

Romeu de Camargo, autor de várias obras espíritas, Presidente da União Federativa Espírita Paulista e fundador da Rádio Piratininga, a primeira estação de rádio espírita. Desencarnou em 10.12.º 1948.

Dr. Augusto Militão Pacheco, médico homeopata, uma das mais destacadas figuras do Espiritismo em São Paulo. Desencarnou em 7.7.1954.

Cairbar Schutel, um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro, autor de várias obras espíritas, desencarnou em 30.01.1938.

Patrício Miranda foi o primeiro Presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Mensagem

Queridas filhas, Deus nos abençoe a todos.

Estou presente. Decerto pelas mãos dedicadas de nossa querida Pia e de outros corações amigos da Vida Maior.

Um ano para um pai que se ausenta da família querida será feito de doze ansiedades, cada ansiedade com trinta inquietações e cada inquietação valendo saudades e mais saudades. Digo isso sem o propósito de afligi-las.

Tenho todas as minhas preocupações amenizadas por nossa Pia, por minha mãe que me esperava com o carinho invariável de sempre e pelo amparo valioso de afeições outras que me escoram nos dias de insegurança.

Conquanto a idéia espírita nos acalente, antes da vinda para cá, iluminando-nos os pensamentos e caminhos, a desencarnação, mesmo para um homem de minha experiência, não é uma ocorrência que se transponha sem dificuldade. É um despojamento de tal natureza aquele que experimentamos que a palavra humana,

tabelada para assuntos conhecidos e mecanizados, não consegue expressar.

É a desistência compulsória de tudo o que se fez no mundo, a separação da família, a mudança dos hábitos e a surpresa de se deixar tudo de vez para nos retomarmos em outro nível.

Compreendo que havia atingido uma condição de sobrevivência difícil no corpo terrestre. A esclerose me invadia os domínios do pensamento, que eu já não articulava com a serenidade e o discernimento precisos.

Ainda assim, me apegava de tal modo ao trabalho, que, de momento, em me observando conduzido à Vida Espiritual, teria desejado ficar...

Vocês todas, filhas do coração, estavam em mim, da mesma forma pela qual sempre as trouxe na memória. Acácia, Lucy, Nair, Darci e Ariela, os genros e os netos...

Via-me confinado no círculo doméstico, à maneira de uma planta no vaso em que me demorava, sentindo nisso a felicidade perfeita. Quando notei que não mais conseguia manejar o cérebro com a facilidade possível, a princípio, o receio do desconhecido me tomou o espírito inteiramente.

Sabia que vocês ambas se achavam ausentes e, embora isso, buscava selecionar as vozes que ouvia, para tentar encontrá-las nos que me cercavam...

A luta em mim, comigo mesmo, perdurou por tempo estreito.

Um desmaio suave me levou a perder a consciência própria e dormi por algum tempo...

Quantas horas?

Não sei ainda precisar.

Despertei, porém, ao lado de nossa querida Pia e de minha mãe Acácia que para logo me fizeram sentir a renovação que eu deveria esperar e não queria estar esperando...

O reencontro foi uma espécie de sol derretendo o gelo de uma

saudade que o tempo já me cristalizara no coração.

O que chorei de alegria não posso efetivamente enumerar por falta de expressões adequadas. Bastará dizer-lhes que me sentia junto da mamãe e da companheira querida, qual se houvesse regressado aos meus dias da infância.

O contentamento de uma criança numa festa de amor e luz seria, a meu ver, muito menor do que aquele júbilo que me tomava de assalto às forças do sentimento. Os dias novos começaram na sucessão dos momentos, dentro dos quais Deus nos traça a vida...

Amigos me retomavam nos braços e me falavam da continuidade de nossas tarefas e lutas. Lameira de Andrade, Romeu Camargo, Militão Pacheco, Cairbar Schutel, Patrício Miranda e tantos outros me induziam a ver os horizontes renovados que me aguardavam...

Tudo tão enternecedor, tudo tão belo!...

O corpo era agora leve, a cabeça parecia haver sido arejada por energias inexplicáveis, de vez que voltava a pensar com desenvoltura e a discernir com rapidez... Compreendi que a verdade cultivada na fé que me clareava os caminhos da Terra, me dominava o campo íntimo e pressenti a felicidade de prosseguir trabalhando...

Mas a lembrança da família se interpôs em meus pensamentos transformados. Tive a idéia de que estava sendo pesado na balança do tempo, a fim de ver para que lado pendiam os pratos da vida que mais me fixassem o coração nessa ou naquela faixa de experiência.

E a concha em que situava os meus laços da família surgiu mais volumosa, inclinando-me para a Terra que deixara à retaguarda...

O amor por vocês, filhas queridas, me absorveu todas as energias, embora recebesse de todas as filhas queridas mensagens e preces de paz e de esperança... O que fazer, porém, se as amo tanto ainda? Nossa Carminha, das primeiras dedicações que me abraçaram aqui, em vão me pedia desprendimento...

Nossa Pia me afirmava que não me seria mais possível mobilizar o corpo enfermo e que ela própria pedira em orações a Jesus para que

eu lhes viesse partilhar o Natal passado, no entanto, vocês e os netos queridos estavam profundamente em minha alma...

Não conseguiria dizer se eu lhes pertencia ou se os entes amados se me erguiam na estrada do coração, como sendo propriedade minha...

O que sei é que o amor possessivo me compeliu a rogar serviço na companhia de vocês, conquanto em ligação com a esposa querida, e vou, gradativamente, me instalando nas obras do nosso Lar do Amor Cristão.

Quanto se me faz possível, abei-ro-me dos netos, tentando inspirá-los. E o nosso André Luiz, a nossa Stella, a nossa Célia, o nosso caro José Pedro, a nossa Eliane e os genros amigos...

Não sei explicar o porquê de tanto amor, entretanto, os Amigos de minha vida nova me falam que posso atuar à vontade, no desdobramento das atividades a que se dedicam, desde que me prenda unicamente ao bem. E essa lição tradicional da nossa casa de caridade cristã nunca me saiu da vida espiritual.

Prossigo, desse modo, junto de todos, mas, especialmente, ao lado de nossa Acácia, em vista de me achar presentemente em serviço de apoio fraternal aos que se valem de nossa instituição para o encontro de consolo e renovação.

Agradeço quanto fizeram e quanto fazem em meu benefício e agradeço as providências assumidas para que as nossas queridas Ariela e Darci se colocassem num campo de ação em que a responsabilidade lhes venha favorecer a vida.

Filhas queridas, aqui ninguém nos pergunta pelo que fomos no mundo e sim pelo que fazíamos entre as criaturas.

Rogo-lhes a sustentação da fidelidade precisa à execução dos nossos ideais de servir.

Entendo as dificuldades de ordem material que se avolumaram para o Celso e para o Billy, ainda assim, peço-lhes confiança em Deus e coragem. Muitas vezes aproximo-me de nossa Stella

procurando escrever, mas ainda não consegui que ela confiasse inteiramente em minha presença, no entanto, espero esse entrelaçamento de nossas forças para breve, quando me possa exprimir, por ela, com mais facilidade.

Rogo ao nosso André Luiz, presente à nossa reunião, confiança em Deus e nele mesmo. O querido neto, em algumas ocasiões, se supõe quase que desamparado de apoio espiritual, no entanto, isso não acontece.

Guardemos a convicção de que tudo acontece para que venhamos a desfrutar o melhor e com essa atitude mental de renovação permanente, saberemos vencer.

Acompanhamos o esforço que desenvolveram com a nossa irmã Yolanda, que está na orientação desse formoso movimento de amor ao próximo, considerando o Natal nos dias vindouros e estamos felizes com a felicidade de vocês, fazendo outros felizes.

Essa é a única felicidade que existe: a que criamos para os outros, sem cogitar da nossa própria alegria. Deus abençoe a todas as companheiras de Jesus que pensam em Jesus na pessoa humana, envolvida em penúria e sofrimento. O Senhor saberá recompensar a todos os corações queridos dessa campanha de beneficência e paz, alegria e luz.

Filhas queridas perdoem a carta longa.

Saudade é a inspiração das cartas longas de quem ama falando à distância.

Nossas duas Mãezinhas me compreendem. Sabem que as valorizo e venero cada vez mais, no entanto, não desconhecem que o coração de pai não esmoreceu.

Nossas vibrações de carinho para Nair e todos os nossos ausentes de nossa reunião, mas presentes, a cada momento, em nossa memória e coração.

E, desejando-lhes a todos um Natal repleto das Bênçãos de Deus, deixa-lhes aqui todo amor que um pai é capaz de sentir e o coração

de quem sendo tutor paternal da Terra, onde todos somos filhos de Deus, e que é hoje, acima de tudo, o irmão e servidor do caminho espiritual sempre mais reconhecido.

Para Cy e Acacinha todo o amor do papai muito grato.

Cássio

O que chorei de alegria não posso efetivamente enumerar por falta de expressões adequadas.

Bastará dizer-lhes que me sentia junto da mamãe e da companheira querida qual se houvesse regressado aos meus dias de infância.

O contentamento de uma criança numa festa de amor e luz seria, a meu ver, muito menor do que aquele júbilo que me tomava de assalto às forças do sentimento.



A forte preocupação que domina cada criatura ao pensar na morte do corpo físico provoca sensações que atingem características inimagináveis.

Alzira de Oliveira, na voz impressa, mostra, independentemente de alguns momentos de aflição, a clareza com que ouvia as opiniões dos médicos quando atingira o limite de vida na Terra. Incontinenti recorre às preces na presença dos Benfeitores Espirituais e de seu pai, que a auxilia na aceitação do caminho que a levaria ao preciso refazimento.

Pessoas e Fatos

Irmã: Irene de Oliveira.

Avó: Maria Pereira da Silva, materna.

Amigos da família no plano Espiritual: Irmão Travassos e Jacques Aboab.

Mensagem

Querida Mãezinha Deolinda e minha querida Irene, reúno-me a vocês na prece a Jesus por nossa paz.

Venho pedir-lhes calma e fé.

Graças a Deus, aqueles dias últimos do corpo, com o ponto final no sábado de meu "até breve", foram para mim de abençoada preparação.

As dores que me incomodaram por tantas semanas sucessivas, cederam lugar a uma tranquilidade para mim desconhecida. Era uma espécie de paz silenciosa, porque uma força difícil de entender me paralisava a voz na garganta. Ansiava dizer que me achava bem e que me sentia mais leve, qual se me visse prestes a voar, tão grande era a sensação de pluma que me assinalava os pensamentos.

Afligia-me com aquela mudez inesperada, conquanto me reconhecesse pacificada por dentro de mim própria. E que desejava contar-lhes o que me ocorria e ouvia as opiniões dos nossos médicos sobre o meu novo estado, mas era impossível destrancar os lábios que jaziam parados um sobre o outro.

Comecei a orar, quando vi meu pai Antonio ao meu lado. Então compreendi que o meu tempo no mundo atingira o limite. Não mais se me permitia nem mesmo comunicar aos mais íntimos a nova ordem de acontecimentos que me colheu de improviso.

Depois de meu pai, encontrei os braços afetuosos da mensageira que me enlaçava, qual se eu fora criança outra vez, determinando que eu dormisse.

Mais tarde, vim a saber que se tratava de minha avó Maria Pereira que me buscava com o máximo carinho.

O conflito se estabeleceu entre ficar e partir. Ficar na essência era a companhia de vocês de quem não queria me afastar e partir significava deixá-las no quadro de lutas que conhecemos.

Meu pai me ajudou na aceitação do melhor. Não adiantava demorar-me num corpo maltratado pela doença que, na Terra, não encontraria a precisa recuperação.

Aquela que se me deu a conhecer por Maria Pereira era minha avó, outra mãe afetuosamente a me estender os braços e depois dela vi

amigos que me aplicavam passes de socorro e libertação, dentre os quais me recordo haver abraçado o irmão Travassos e o nosso irmão Jacques Aboab que se compadeceram de mim.

Graças a Deus, desde então, estou na restauração desejada e pedindo ao Senhor que me descerre às portas da compreensão, a fim de que eu possa aproveitar os novos ensinamentos.

Querida Irene, rogo a você coragem e serenidade. A nossa Mãezinha deseja ver você forte e bem disposta e peço para que não se esqueça de que a deixei por substituta dedicada e carinhosa, ao lado da Mãezinha Deolinda, de quem tudo recebemos para ser felizes.

Devo dizer-lhes que, com a minha avó Maria Pereira e a nossa irmã Deolinda que me foi madrinha e protetora na Terra, são aqui em meu favor qual segunda família.

Estejam tranqüilas a meu respeito porque estou muito bem na jornada e conduzida por amigos aos quais me empenho numa dívida que sinceramente não sei como resgatar.

Querida Mãezinha, lembre-se da sua filha em suas preces, pois em suas orações surpreendo as ligações para os refúgios de paz de que necessito, de modo a habilitar-me plenamente na vida nova. Ajudem-me ainda. Agradeço os pensamentos de amor e compreensão que me endereçam e conto com esse bendito amparo.

Mãezinha peço-lhe agradecer às nossas amizadas da Tijuca pelos votos de paz e bom ânimo com que me felicitam nos caminhos novos.

Muito pouco posso ainda, no entanto, recordem que a filha e a irmã pobre que ainda sou prossegue contando com as bênçãos de Jesus para vencermos em todos os obstáculos capazes de surgir.

Querida Mãezinha e querida irmã, perdoem-me se termino aqui.

Em outra carta serei mais extensa, conquanto esta própria já esteja longa demais para os irmãos que atravessam a noite, prestando-nos valioso amparo.

Irene querida e querida Mãezinha Deolinda fiquem com Deus e recebam muitos beijos da filha e irmã reconhecida de todos os instantes,

Alzira

Mãezinha...

Graças a Deus, estou na restauração desejada e pedindo ao Senhor que me descerre às portas da compreensão, a fim de que eu possa aproveitar os novos ensinamentos.



Quem parte, quem fica.

Os momentos da vida na Terra são de todos, e, as circunstâncias determinam os caminhos.

A alegria retrata a felicidade. A tristeza, o desânimo. A dor, o momento. A saudade, a lembrança.

A perda fracionária do elo que forma e completa as razões da nossa existência na Terra, nos faz crer que a estrutura de nossa vida rompeu-se e cairá.

Deus, que é Alegria e Felicidade, autoriza para que a saudade seja amenizada. Confirma o seu Reino de Amor, na palavra direta de quem amamos.

Luizinho é esta confirmação: "A Senhora e o papai não terão que temer quaisquer dificuldades, porque vamos seguindo com fé para Jesus".

Pessoas e Fatos

Irmãos: Eduardo (Proveta), Tata (Thais), Eta (Ethel), Mayna (Maria Ondina)

Valdir: desencarnado um mês após Luiz.

Odilia e Joviano: pais do Jovem Valdir, receberam de Luiz, informações de seu filho, que a família Neves desconhecia.

Mensagem

Queridos pais, peço-lhes me abençoem. Venho trazido por amigos nossos que me conseguiram a devida oportunidade a fim de ofertar-lhes as minhas notícias que não variam muito. Felizmente vou alcançando novos investimentos de estudo e experiência e por isso mesmo, não posso me queixar.

Tantas bênçãos recebo que seria ingratição falar em nome de minhas necessidades, esquecendo o auxílio de que tenho sido objeto.

Mãe venho especialmente rogar-lhe coragem para facearmos o tratamento de que a sua saúde está necessitada. Peço ao papai encorajá-la para o tipo de assistência cirúrgica de que não conseguirá desvencilhar-se em momento oportuno.

"Menciono o benefício que temos recebido em nossa comunhão perene de almas, para mostrar a felicidade em que marchamos".

Espero que a medicina consiga acrescentar-lhe forças novas, de maneira a que o serviço operatório do futuro se processe com regularidade. Não tema querida mãezinha; tudo estará bem.

Tenho feito o que posso a fim de prestar auxílio às queridas irmãs. Ajudo quanto se me faça possível.

Creio, porém, querida mamãe que a nossa Tata precisa igualmente de tratamento minucioso, a fim de se recuperar mais externamente. A nossa Eta e a nossa Mayna continuam firmes na fé e havemos de vencer nas lutas que se opõem à nossa tranqüilidade no caminho.

O nosso Proveta prossegue crescendo e com excelentes perspectivas nos estudos. Isso é muito importante para o futuro. Se a gente quando mais avisados no mundo, pudesse entender o valor do estudo, aplicando-nos a ele com vontade forte, muitos males poderiam ser arredados de nossos caminhos.

Ajudemos o mano a fazer força para assenhorear a matéria dos livros que nos instruem aí, de modo a retirarmos deles o proveito possível. Falo assim para estimulá-lo, porque sei que o irmão é

correto e bom para consigo mesmo e para conosco.

Mãe, comigo veio o irmão Valdir, de S. Caetano do Sul, que me recomenda que lhe peça seja dito à mãezinha dele, Dona Odília, e ao pai, senhor Joviano, que ele vai bem, melhorando cada vez mais.

A senhora e o papai não terão que temer quaisquer dificuldades, porque vamos seguindo com fé para Jesus. Agradeço com todo meu coração, tudo o que fazem por mim enfeitando-nos a memória com preces e flores. Deus os recompense.

Esta carta escrita com certa dificuldade é igualmente a mensagem de Natal e Ano Novo que lhes posso ofertar, na qual estendo os meus votos de felicidade a todos os nossos.

Não me refiro aos sobrinhos, porque a ninhada dos nossos pequenos cresceu muito e não posso fazer uma lista na altura que desejaria apresentar; mas a senhora e meu pai, sabem que estou a lhes entregar o meu próprio coração.

Abraço a todos os nossos amigos presentes e desejo paz e alegria a todos. Para os pais queridos, todo o carinho e reconhecimento do filho que os ama cada vez mais.

Luizinho

Mãezinha...

Agradeço com todo o meu coração, tudo o que fazem por mim, enfeitando-nos a memória com preces e flores.



"Uma sanjoanense, esposa e mãe, envia mensagem do além, através de Chico Xavier."

Com esta abertura publicou-se a carta de Ivone Martins Zazino, no jornal representante de São João da Boa Vista, o matutino, Gazeta de São João.

As palavras ali contidas nos dizem:

A mensagem de Ivone deu muito conforto e muitos esclarecimentos.

Diz de sua ansiedade em querer ficar junto aos seus. Explica como é a morte, acontecimento inexorável e irreversível. Como desvinculou-se do corpo físico no plano espiritual. Conta ainda, do amparo de senhoras que se diziam irmãs da benfeitora espiritual Carolina Malheiros, doadora do terreno do Hospital da cidade e que leva seu nome. Os cidadãos mais antigos confirmam esta verdade.

Continua esclarecendo em seu relato, sua internação no refúgio de paz criado por Monsenhor José Vieira Ramalho, um dos que muito ajudaram no desenvolvimento de São João da Boa Vista. Outro ensinamento nos trouxe Ivone.

"Aqui ninguém nos pergunta o que tínhamos, mas sim o que fizemos."

Pessoas e Fatos

Filhos: Rita de Cássia Martins Zazino Camargo Maria Elisa Martins Zazino

Adriana Martins Zazino

Carlinhos Roberto Martins Zazino

Irmã: Ana Nair Martins Luvizaro

Neta: Cristiane Zazino Camargo

Bisavó: Maria, materna, desencarnada.

Avó: Catarina Hordálio, materna, desencarnada.

Tio: Leovigildo Moreno, desencarnado.

Primos: Orlando Moreno Thereza Maria Silva Moreno

Amiga Espiritual: Maria Achilles Sette e Silva

Amigos da família: Glória Esteves Poveda, Lázaro José Ferreira (Lazinho).

Carolina Malheiros, fundadora do Hospital Carolina Malheiros em São João da Boa Vista - SP.

Monsenhor João José Vieira Ramalho, um dos fundadores da cidade de São João da Boa Vista - SP.

Mensagem

Querido Thomaz, estou pedindo a Deus por nós todos.

Estou muito surpreendida e muito grata.

Venho escutando o que falam em casa sobre notícias minhas e hoje sou trazida pela querida Bisa Maria e por outros corações amigos, a fim de escrever alguma informação. Por mim mesma, isso seria muito difícil, mas a vovó Catarina é a primeira a me incentivar a que eu me entregue ao esforço em que me vejo.

Estou vendo você e nossa querida Maria Elisa, a nossa Ana, o Orlando, a Thereza, a Glória, o Lazinho e tantos amigos que, decerto me auxiliam porque, à medida que procuro traçar minhas

palavras, vou registrando menores dificuldades.

É como se eu chegasse numa casa onde todos me recebem com boa vontade e desejo de me auxiliar. Querido Thomaz, os nossos daqui, de meu novo recanto de moradia, me dizem que você está desanimando e eu não posso acreditar nisso.

Você foi sempre o nosso braço forte, o nosso melhor apoio. Impossível que não possamos receber a Vontade de Deus que me poupou tantos sofrimentos no desgaste final do corpo. Não suponha que deixei a nossa casa no mundo, sem obstáculos e sem reclamações.

Quando me vi sem forças, transportada para outro ambiente para tentar a recuperação, tanto sofria quanto mais avançava a desvinculação da nossa felicidade terrestre.

Guardava algum conhecimento que era o suficiente para não ter qualquer engano, quanto à despedida, mas lutei intimamente com muita força para permanecer. O corpo, no entanto, não me garantia mais qualquer possibilidade de saúde, mesmo relativa.

Aqueles poucos dias foram longos demais para o meu coração. Você e as filhas queridas, a nossa Rita, a nossa Maria Elisa, a nossa Adriana e o nosso Carlinhos, o filho que Deus nos mandou ao lar, estavam por dentro de mim.

Eu não queria ser feliz sem vocês e por isso mesmo, embora percebendo que protetores espirituais me sugeriam paz e esperança, eu rogava esperanças e paz a fim de regressar para a casa. A aceitação foi bastante demorada. Não conseguia falar, no entanto, meus ouvidos estavam de tal modo sensíveis que pareciam funcionar fora de mim, trazendo ao meu íntimo as menores particularidades do que se falava sobre os meus problemas orgânicos.

Escutava e lutava contra as idéias de calma naqueles momentos estranhos. Por fim, notei que era impossível pensar em regresso com as energias exaustas... Passei à oração, pedindo a Jesus me

amparasse. Em dado instante, acreditei que iria dormir, e que naquela condição sonhava com minhas avós, entretanto, o sonho não era isso.

Era mudança. Ouvi o choro abafado das meninas e fiquei espantada. Nesse ponto de meu novo caminho, aproximaram-se de mim diversas senhoras que se declararam irmãs da benfeitora Carolina Malheiros e oraram comigo...

Nas vibrações de paz daquelas preces, adormeci de verdade para somente acordar depois de um tempo, cuja duração ainda não sei definir.

Despertei muito fraca e muito cansada.

As surpresas eram tantas, desde a queda de minhas forças, que não me admirei ao saber que me achava sem a vestimenta do corpo terrestre.

A cabeça estava uma tanto desorientada, tive a idéia de que me levantava de um sono por sedativos, de cuja influência não me livraria sem dificuldade e aceitei todas as instruções que me traçavam.

Pensando, porém, tão-só na família, me via, a cada instante, de volta ao nosso convívio, embora isso acontecesse apenas em pensamento, conforme explicações que obtinha. Acostumada ao trabalho, não me acomodei com a situação e pedi serviço.

Era preciso vencer o abatimento que me dominava.

Minha Bisa Maria me esclareceu que estava transitoriamente internada num refúgio de paz, criado pelo Monsenhor João José Vieira Ramalho e o ambiente de preces, ali reinantes, me auxiliou com segurança.

É desse pouso de caridade e fé que retorno a fim de pedir a vocês todos paciência e coragem.

Querido Thomaz, é preciso viver. Recorde a nossa família contando com o seu apoio e a minha própria confiança de esposa que deixou em suas mãos tanto serviço que não podemos esquecer.

Pense que uma netinha, a nossa Cristiane, já está em meu lugar, parecendo em seus braços uma flor num tronco abençoado e sempre verde.

Reflita em nossas meninas e em nosso Carlinhos que é também filho do coração e auxilie-nos. Maria Elisa, nunca se veja sozinha. Estamos unidas como sempre.

Não deixe à margem os nossos doentes e os nossos amigos do sofrimento.

Filha, um prato a quem precisa é uma bênção de Deus. Uma visita aos enfermos sem ninguém é uma presença de paz e luz.

Recorde nossas corridas para atender a esse ou aquele e continue no trabalho, que sempre nos foi e ainda é tão querido. Aqui, ninguém nos pergunta o que tínhamos e sim o que fizemos daquilo que Deus nos enviou às próprias mãos. Fale com as suas irmãs deste pedido de sua mãe. Que ninguém saia de nossa porta sem o socorro de que possamos dispor.

Agradeço a vocês todos a alegria deste encontro-reencontro. Quando os Mensageiros do Bem permitirem, voltarei aos nossos entendimentos. Ao Orlando e Thereza os meus agradecimentos. Os amigos Leovigildo e nossa Maria estão juntos de mim nesta hora.

Querida Ana, faça pelas sobrinhas o que não pude fazer na posição de mãe, Deus a recompensará. Estou terminando esta carta. Agradeço as preces que me dedicaram e que ainda me ofertam.

A oração é um bálsamo de esperança caindo sobre o coração, quando nos sentimos distantes. Agradeço a todos os nossos amigos que represento em nossa irmã Glória. Querido Thomaz, confiando em seu ânimo de homem de bem, me despeço. Viva para os nossos e para mim que ainda preciso tanto de sua presença junto à nossa família. Quero agradecer e não sei como fazer isso.

Existem emoções que a alma não sabe mostrar. É com essa gratidão imensa que me despeço por agora, rogando Jesus a todos nos proteja. Se me esqueci dos nomes de fosso grupo familiar isso

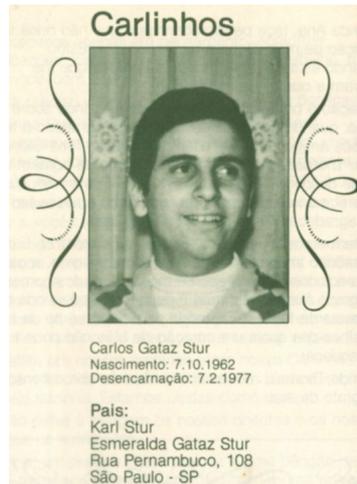
não é descaso. E que ainda não estou bastante forte de memória para lembrar-me de todos os detalhes dos quais um coração de Mãe não pode e nem deve esquecer.

Querido Thomaz, receba com toda a família o coração muito grato de sua

Ivone

Querido Thomaz...

...E desse pouso de caridade e fé que retorno, a fim de pedir a vocês todos, paciência e coragem.



A vida espiritual continua, lógica, clara e seqüencial à vida terrena. Prova cabal nos traz Carlos Gataz Stur.

...Estou muito bem tratado num hospital mais amplo que o da Terra, onde estive, e onde os aparelhos para as minhas melhoras não me castigam tanto o estômago e os intestinos.

Ante o pai se refere à forma verdadeira de nossa existência, na confirmação de que o corpo físico é apenas uma xerox do corpo espiritual. Expõe com humildade e reconhecimento o carinho recebido.

Nos momentos de despedida, anotava a presença da tia Lili e ofertava flores à Mãezinha, dizendo tê-las recebido da tia, então, no Plano Espiritual.

A sua mensagem muito diz de tudo isso.

Pessoas e Fatos

Mira: (Dona Belmira), amiga da família, acompanhava o Carlinhos durante a doença.

Vovó: Katharina Stur, bisavó paterna.

Tias: Lili, desencarnada, irmã de Esmeralda, mãe de Carlinhos.

Maria, tia de Esmeralda, mãe de Carlinhos, a quem ele chamava

de avó, desencarnou dois meses antes dele, com 103 anos de idade e estava cega há cerca de 30 anos.

Irmão Louzada, irmão de Belmira (Mira).

Paulo, colega de escola.

Mensagem

Querida Mãezinha, meu querido Papai, nossa querida Mira, a abençoada Mira de nossa amizade.

O pensamento em Deus me envolve no abraço que lhes trago, porque não posso começar estas notícias sem pedir a Deus que a todos nos abençoe.

Há quem diga que meninos não sabem orar, mas, se sofremos, a nossa primeira idéia se volta para a Bondade Suprema, rogando alívio e conformação.

Queridos pais, estou em companhia da tia Lili que me auxilia a escrever. Ainda não estou muito diferente da forma que assumi naqueles primeiros dias de fevereiro passado. O tratamento continua, embora com menos dor.

As pessoas no mundo, ao que hoje me parece, estão dormindo mesmo quando acordadas, pois não costumamos imaginar que possuímos um corpo que é o nosso próprio corpo depois da morte física.

Papai, agora, imagino que a forma verdadeira é a de cá, onde me vejo presentemente e que aí no mundo temos apenas um xerox da pessoa que realmente somos. Tudo aqui mudou e, ao mesmo tempo, preciso dizer que a mudança não é assim sensacional.

Estou muito bem tratado num hospital maior que o Sírio Libanez, e onde os aparelhos para as minhas melhoras não me castigam tanto o estômago e os intestinos.

Estou melhorando, pouco a pouco, mas melhorando sempre.

Noto também que estou com os meus raciocínios amadurecidos.

Não saberia hoje escrever na condição do rapazinho doente que eu fui.

Não sei explicar a ocorrência, nem sei dizer quanto tempo estive em regime de sonoterapia ou de anestesia mesmo, depois que me retiraram do corpo que não me agüentava mais.

Nos instantes de partida, quis conversar com a nossa querida Belmira (Mira) e agradecer por todas as bênçãos que recebi, mas um torpor invencível me invadiu a cabeça. Parecia a mim mesmo, alguém que não vencida a sede de dormir.

Quando acordei, supondo-me no hospital e no mesmo setor de gastroenterologia, chamei por Mamãe e Belmira, mas em meio das enfermeiras desconhecidas, apareceu a nossa tia Maria, a quem mamãe me ensinou a tratar como sendo para ela um neto que ela não conseguia ver.

Uma alegria muito grande me tomou o coração. Julguei que a nossa doce e velha tia Maria se curara dos olhos e nem de longe entendi que estávamos em outro campo vibratório. Ela me disse:

— Carlinhos, eu vim abraçar você por Esmeralda e pelo Karl e desejo que você esteja satisfeito.

Abracei-a, mas não sei se ela pensou em vocês ou por que motivo me veio ao coração os ecos do pranto que havia em casa.

Via meu pai sério e magoado na tela de minha imaginação e vi Mamãe a chorar...

Procurei por Belmira em mim e encontrei-a também. A nossa querida amiga estava em prece, a lembrar-se do nosso encontro final. Foi quando tia Maria me abriu as explicações.

Não poderia ter tantas notícias de separação, sem chorar muito, mas outros amigos apareceram — a tia Lili, a vovó Katharina que eu não ouvia muito bem, o irmão Louzada e o Paulo, um companheiro de escola que eu conhecia. Há sempre gente boa amparando alguém que sofre e naquele instante esse alguém era eu mesmo...

Não foi fácil habituar-me à nova situação, porque as dores

voltavam e fui obrigado a tomar sedativos.

Compreendi, pouco a pouco, que ninguém desencarna de uma vez, como também, na Terra ninguém nasce sem preparação.

Agora, tenho apenas alguns resquícios da dor muito raramente, quando me afundo de todo nas recordações do hospital da Terra.

Venho pedir-lhes paz e resignação.

As doenças no mundo, pelo que observo, de modo geral, nascem conosco e eu trazia dívidas em mim próprio que só a moléstia superada conseguiria resgatar.

Mãezinha e meu pai lembrem-me forte e sadio.

Isso me auxiliará.

As imagens que chegam da Terra até nós são impressões vivas que se apegam a nós, criando-nos dificuldades quando se trata de lembranças que devemos esquecer.

Quero ter forças novas e aprender o que me ensinam. Preciso caminhar para a frente e as tristezas não auxiliam muito. Servem somente quando nos auxiliam a pensar naquilo que devemos ser, sem procurar parecer o que éramos. Não sei se me explico claramente, porque em minha condição nova sinto e vejo muitas cousas que não cabem nas palavras que usamos no mundo de uns para com os outros.

Sei apenas que o amor não sofre alteração alguma. E porque a saudade é filha do amor, a lembrança de vocês em nossa felicidade no lar bate em meu pensamento como se fosse um relógio.

Mamãe perdoe seu filho, se falo assim. Preciso ser forte tal qual me ensinou o Papai, com quem aprendi a não tremer de medo e nem a chorar.

Estou bem e venho até aqui para agradecer e falar, sobretudo, a meu pai que a outra vida existe mesmo.

A vida que não existe, por ser transitória, é essa em que vivemos na Terra. Prometi a mim mesmo que daria a meu pai pelo menos algum estudo sobre isso.

Parentes nossos da família Stur são diversos a me visitarem e mais tarde, espero a possibilidade de viajar com eles para conhecer o que apenas via nas publicações e nos retratos.

Belmira, beijo as suas mãos. Sou muito agradecido pela força de fé em Deus que recebi de sua dedicação. Ainda escuto as suas palavras:

— Fique tranqüilo, Carlinhos, esses fios e essas ampolas vão passar. Queremos o seu sorriso.

Não sei se conseguia sorrir, mas aquelas palavras vindas de você me revigoravam os pensamentos.

Mãezinha e meu pai, tudo esteve e está certo. Não creiam que outros médicos me teriam curado, que a Europa me ofereceria maiores recursos.

Mais tarde, vamos saber porque a doença me apanhou assim tão cedo. Há leis que vigoram sobre as que conhecemos e trazemos em nós próprios as sementes que se desenvolverão em nosso corpo da Terra, sejam as da alegria ou as do sofrimento. Por aí, no entanto, nada está definitivo. Tudo vai passando, passando...

Somos crianças, depois meninos grandes, mais tarde jovens robustos e bem depois disso a vida se nos apresenta em maneira diferente.

Pai querido pense nisso e não se entristeça.

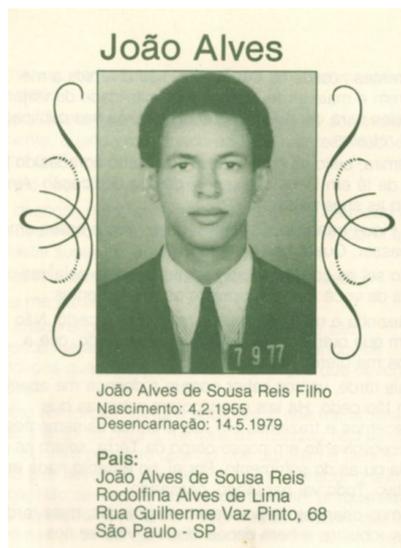
E preciso viver e trabalhar, viver para aperfeiçoar-nos e trabalhar para os outros a fim de servir a nós mesmos.

Agora, vou colocar o ponto final.

Só em papel e lápis e continuaremos juntos conversando no coração.

Agradeço por tudo e peço receberem, com a nossa querida Mira, todo o coração do filho reconhecido, sempre mais reconhecido,

Carlinhos



"O meu gesto foi um punhal em seus sentimentos, mas pode crer que a ferida está sangrando muito mais em mim mesmo"...

Reconhecer-se no compromisso dos atos praticados, traz para a consciência de todo ser humano, a certeza de que somos juízes de nós mesmos. Que o benefício do amor e o seu valor, como sustentáculo nos problemas que nos cercam, ficaram muitas vezes esquecidos.

Amor é a palavra sublime que nos eleva às paragens de Deus, é ainda, o passaporte para o intercâmbio com Jesus nos caminhos que nos obrigamos a percorrer no serviço da caridade.

Pessoas e Fatos

Irmã: Vera Lucia de Sousa.

Avós: Ana Moreira de Sousa, paterna, desencarnada há 47 anos.

Vovó: Benedita, materna, encarnada, conta atualmente com 100 anos.

Mensagem

Querida mamãe Rodolfina.

Abençoe seu filho que ainda sofre.

Venho com a vovó Ana até aqui, na posição de um enfermo que se retira momentaneamente da casa de tratamento e socorro na qual foi asilado, a fim de pedir o seu perdão.

Mamãe, eu vivi cego nos tempos últimos! Enxergava nos outros o que estava dentro de mim.

Fitava na vida a minha própria imagem e, por isso mesmo, enlouqueci.

Seu filho não conseguiu enxergar os seus sacrifícios para que ele fosse gente. E por isso que sem a treva que me inibia a visão, sou trazido até aqui para reafirmar-lhe que eu nunca poderia encontrar mãe mais dedicada e mais amorosa do que a que Deus me deu em seu coração de paz e carinho.

Mamãe, as chamadas injustiças sociais que alegava em minhas convicções erradas não eram outra bênção senão aquela de que eu mais necessitava a fim de melhorar os sentimentos que eu trazia...

Penso que o seu carinho me perdoará como sempre. Sofro as conseqüências de meu gesto infeliz, mas no miolo dessa angústia, está o remorso de haver menosprezado a melhor mãezinha que o céu me poderia confiar.

Agora, tudo passa de novo em minha lembrança, como se eu assistisse a um filme incessante por dentro de mim mesmo.

Seu esforço e sua luta...

Você com Deus a trabalhar por nós, você calando aflições para não incomodar-nos, você a se privar na mesa do que fosse melhor para que seu filho se alimentasse como um príncipe, você a derramar suor e lágrimas para que eu estudasse e, na cegueira que me tomou o coração, a revolta injustificável contra a vida não me permitiu oferecer-lhe migalha de qualquer agradecimento...

Pudesse eu tornar atrás, ainda que fosse para arrastar-me pelo resto da vida em seus passos e me sentiria a mais feliz das criaturas de Deus, porque estaria acompanhando o anjo que o céu nos deu e à família em forma de mulher para ser minha mãe!

Nem pude ver os seus exemplos de amor para com a vovó Benedita a quem a sua dedicação tudo oferta em assistência e ternura...

Mãezinha considere-me por um rapaz que se perturbou, acreditando raciocinar sobre sociedade e justiça. O meu gesto foi um punhal em seus sentimentos, mas, pode crer que a ferida está sangrando muito mais em mim mesmo...

Pedi à vovó Ana me trouxesse até você, quando escutei as suas palavras decidindo-se a tentar algum intercâmbio com o seu rapaz ingrato e infeliz. Eu não descansaria enquanto não lhe mostrasse a minha dor, pedindo-lhe esquecimento de minha falta.

Enquanto escrevo e choro começo a sentir-me aliviado e espero que, com a bênção de Deus e com o tempo, consiga ser o filho que os seus braços sempre aguardaram inutilmente. Mamãe, por que me vi ferido por mim mesmo, de modo tão cruel ao feri-la? E pode guardar a certeza que nunca a vi tão bela e tão alta quanto agora em que a fé brilha em seu sofrimento de que fui o causador...

Perdoe-me mãezinha querida, e saiba que a amo cada vez mais.

Conte à Vera Lucia o que me acontece em matéria de arrependimento para que a irmãzinha no lar nunca se lembre de imitar o que fiz.

A vida e a justiça procedem de Deus e somente agora consigo ver a realidade. Foi preciso que a morte me abrisse no peito uma torrente de lágrimas para que o pranto me lavasse os olhos que a rebeldia obscurecera. Oh! Deus, cujo infinito amor nunca falha.

Deus, mamãe, abençoará nossa dor e fará com que seu filho se recupere da enfermidade espiritual que me atacou em forma de rebelião contra tudo o que o mundo nos oferece de melhor.

Confio em Deus e trago ao seu colo esse pequeno raio de fé para dizer-lhe que estou melhorando...

A provação que eu mesmo procurei tentando aniquilar a própria vida, é a força que me retira das sombras para o regresso à claridade.

Mãe querida, abençoe-me.

Não sofra se choro e nem se aflija se ainda lhe revelo o lado amargo do gesto que cometi... Isso é também recurso em meu benefício.

Abençoe-me e auxilie-me com as suas lembranças em prece e, desejando que o seu coração permaneça forte e tranqüilo na caminhada do bem para o Alto em que sempre a vi e continuo a vê-la.

Tome entre as suas mãos a cabeça ainda amargurada de seu filho que lhe pede perdão de joelhos e diga-me querida mãezinha, que o seu coração me acolhe de novo e me perdoará como sempre.

Um beijo molhado de lágrimas do seu filho, sempre seu filho do coração.

João Alves

Mamãe...

Pudesse eu tornar atrás, ainda que fosse para arrastar-me pelo resto da vida em seus passos e me sentiria a mais feliz das criaturas de Deus, porque estaria acompanhando o anjo que o céu nos deu e a família em forma de mulher para ser minha mãe!



As emoções sentidas, preparadas com as surpresas do Além, premiam-nos com instantes de extrema felicidade. Revive os quadros do passado e lhe desfilam na memória os momentos bons e difíceis pelos quais habitualmente todos passamos. Destacamos de nossa irmã este expressivo trecho, constante da sua mensagem iluminada de nobres recordações:

"Nossos dias mais belos não foram aqueles em que o nosso Nicola se realizava no trabalho e conseguia fazer o nosso reconforto, mas sim aqueles outros em que as dificuldades nos davam ensejo para maior união."

Aí está o valor da dificuldade unindo corações e aprimorando-os no trabalho.

Luíza Biondi, com simplicidade define para o filho Pedro a certeza de sua presença:

"Flavinha, para expressar-se diante de você e de nossa querida Margarida e eu, com o fim de tentar a escrita..."

Pessoas e Fatos

Esposo: Nicola Biondi, desencarnado.

Filhos: Antonieta, Elza, Yolanda e Cláudio Biondi, irmãos de Pedro.

Netas: Flávinha Biondi, desencarnada, Sandra e Ana Luiza.

Mãe: Clementina Didário.

Nora: Margarida Canzi Biondi.

Irmãs: Josephina, Olga e Margarida Didário.

Amigos: José Gonçalves, presidente da Casa Transitória de São Paulo. Alvina Gonçalves, mãe de José Gonçalves, desencarnada.

Mensagem

Pedro, meu filho, Deus abençoe os seus passos.

Roguei a felicidade de me comunicar com o seu carinho e obtive o que considero graça de Deus.

Quem terá dito, meu filho, que as mães algum dia possam morrer?

Creio que todas as criaturas de minha condição recordam raízes vigorosas na Terra, quando decepadas: por fora, as lâminas do mundo terão feito cortes profundos, no entanto, as raízes ocultas no chão reverdecem. Tornam-se árvores novamente, quem sabe, para embalar as aves que Deus lhes havia concedido em ninhos que também se refazem.

Penso nisso, lembrando a minha separação.

Nem por um minuto julguei que a morte me houvesse aniquilado. Estava firme na fé e reconstituída em minha própria existência, a fim de acompanhar os meus filhos, fosse onde fosse.

Confesso a você que precisei habilitar-me para esta carta.

Muitas vezes, avó e neta estudavam juntas; Flavinha, para expressar-se diante de você e de nossa querida Margarida e eu, com o fim de tentar a escrita e vestir os meus sentimentos, como se o lápis fosse agora uma agulha costurando o papel em que me manifesto.

Venho para agradecer.

Se existe mãe feliz, creio que esse coração repleto de amor não será mais feliz do que eu mesma.

Agradeço, meu filho, as suas lembranças e as suas preces. As suas vibrações formando quadros de memória, em nosso lar de Tatuapé, me alcançam como sendo músicas de sentimentos.

É verdade, meu filho.

Nossos dias mais belos não foram aqueles em que o nosso Nicola se realizava no trabalho e conseguia fazer o nosso reconforto, mas sim aqueles outros, em que as dificuldades nos davam ensejo para maior união.

Sei que você nunca se deixou levar por enganos acerca da prosperidade material.

Sinto as suas mãos procurando as de sua mãe para construírem o bem e compreendo que você e Margarida, com as meninas, encontraram no serviço ao próximo à alegria mais luminosa da vida.

É por isso que insisti.

Quero que você saiba que prosseguimos juntos, que a nossa ligação espiritual é cada vez mais abençoada e mais bela.

Sei que, neste instante, você desejaria que os irmãos estivessem igualmente conosco.

Não se encontram eles na presença física. No entanto, Pedro, eles se acham nos caminhos de que mais necessitam.

Tonia, Elza, Iolanda e nosso Cláudio estão conosco. E mais ainda: as queridas irmãs Josephina, Olga e Margarida se lembram e oram igualmente por nossa paz.

Você sabe, meu filho, nem sempre no mundo a criatura consegue todas as peças necessárias à construção da felicidade maior.

Estamos numa grande jornada em que cada coração palpita em estrada diversa.

Mas nos achamos todos reunidos na lembrança e no amor.

Venho rogar a você continuidade de suas realizações. Prossigamos.

O nosso bem verdadeiro será fazer o bem que auxilie primeiramente aos outros.

Não precisa, meu filho, afligir-se quanto ao rumo do trabalho em que a Bondade de Jesus nos situou.

A beneficência inclui o pão para o corpo e a luz para a alma.

Quanto aos obstáculos do caminho, entreguemos a Deus os problemas que apareçam, sem ausentar-nos do serviço em que Deus nos instala.

Agradeço à nossa querida Margarida o que faz por auxiliar-nos.

Uma esposa dedicada e compreensiva é riqueza do Céu no coração do homem.

Nossa querida Flavinha e minha mãe Clementina estão comigo.

Flávia está em desenvolvimento iluminado de bênçãos. Trabalha e estuda, apóia-nos e auxilia-nos sempre.

O Além não é tão Lá como se pensa no mundo.

O que há é continuação e vida em novas formas.

Estamos aparentemente separados por faixas de vibração, como se as pessoas aí e aqui fossem ondas, cada qual em seu próprio domínio sem se misturarem.

Agradeço a todos os meus filhos pelas alegrias que me concedem e peço a Deus abençoe a todos.

Nicola e eu temos procurado seguir em suas tarefas e colaborar no serviço que você vai sustentando.

O que vale mais em quaisquer recursos é a nossa atitude situando esses mesmos recursos em função da paz e da felicidade do próximo.

Deus recompense a você, meu filho, por todas as bênçãos de que você me enriquece a vida, porque, conforme aquela prece de paz, é "dando que se recebe"

Pedro, meu filho, agradeço ao nosso caro amigo Gonçalves as diretrizes que nos transmite.

Nossa Alvina e eu somos duas mães reconfortadas na fé, sempre

na certeza de que os dois estão trabalhando na seara do bem.

Você sabe que o meu coração não viria trazer a você um simples louvor.

Desejo sinceramente oferecer-lhes a migalha que possuo para significar o meu reconhecimento pelo muito de amor que recebo.

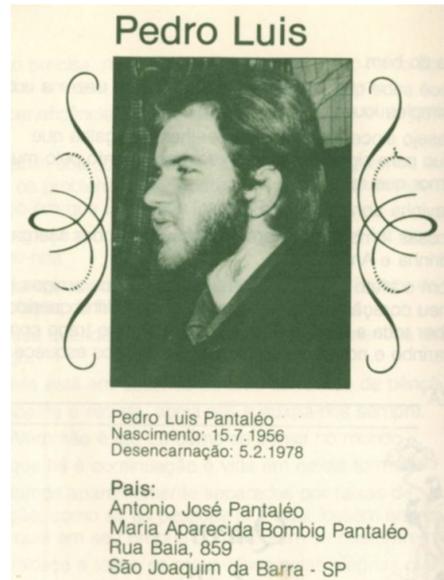
Flavinha abraça a você.

Nossas lembranças para as nossas queridas Margarida, Sandrinha e Ana Luiza.

Com o afeto e o agradecimento de nossos amigos junto de meu coração nesta noite, rogo a você, filho querido, receber toda a alegria e toda a gratidão que trago comigo, no carinho e no amor da mamãe que não os esquece.

Luiza

Quem terá dito meu filho que as mães algum dia possam morrer?



Nos instantes em que a dor da separação alcança os corações dos pais pela ausência dos filhos, redundam ao espírito lembranças que só a graça de Deus e preces podem amenizar.

O amor transforma-se em esperança, na procura do elo que desencaixou-se da corrente afetiva formada por Deus.

As frestas se abrem com as preces e permitem a entrada dos raios de luz, amenizando a saudade que chora a ausência de quem partiu.

Pedro Luiz agradece o que aprendeu em casa e, sempre em rogativa, revive a seus pais para que essas lições sejam ministradas a seus irmãos na procura da verdade.

Pessoas e Fatos

Irmãos: João Luis e José Luis Pantaléo. Avô: Luis Bombig, materno.

Bisavô: Pantaléo, desencarnado na Itália há mais de 50 anos.

Tio: Pedro Pantaléo, irmão do bisavô paterno e desencarnado há mais de 50 anos nos Estados Unidos. Ribeirão: Ribeirão Preto, cidade do Estado de São Paulo.

Mensagem

Querida mãezinha e meu pai Antônio, abençoem-me para que eu seja sempre feliz.

Ainda estou com o cérebro vacilante, ignorando realmente o que sucedeu comigo.

Ajudem-me com as vibrações de amor que nascem do lar.

Tamanha é a aflição da mamãe que o meu avô Luiz não hesitou em trazer-me até aqui, a fim de dizer-lhes que estou bem.

Ainda me sinto assim, difícil para escrever como e quanto desejaria.

O vovô Luiz me acolheu qual se fora meu próprio pai. Carinho e proteção, amor e bênção.

Tenho poucas lembranças porque estou reabilitando a memória, no entanto, não consigo enfileirar muitas recordações.

Sei que fui levado para Ribeirão e depois trazido para casa, onde, apesar dos fatos que me esperavam, não pude me furtar ao sono pesado que me cerrou as pálpebras.

Quando despertei, foi àquela cena de hospital com ar puro e recintos muito brancos, doando-me a vida que fora entregue a tratamento em uma clínica especializada.

Escutando o choro da mãezinha que me envolveu de todo, senti-me tomado de uma grande tristeza, que somente agora vou tentando apagar.

Peço-lhe, querida Mamãe, compreender quanto necessito agora de sua paciência e de sua serenidade para que eu fique na paz laboriosa dos que sabem construir.

Lembrem-se a senhora e meu pai, da irmãzinha, do João Luís, do José Luís e de todos os nossos que ainda precisam muito de apoio em nossa família.

Não fosse o problema da saudade, tudo estaria bem, mas com o remédio das orações chegaremos ao ponto da paz.

Creiam que os ensinamentos de casa funcionaram na hora oportuna.

Graças a Deus, as nossas preces e conversações sadias me prepararam muitas consolações para o novo meio em que me vejo.

Rogo aos queridos pais me relevarem se não estou escrevendo como desejaria.

Sinto-me ainda cansado do tratamento daqui, porque o corpo espiritual exige muitos cuidados no refazimento de nossas forças.

Quanto puderem, ajudem meus irmãos a procurarem na verdade as lições de que precisam.

Espero voltar em melhores condições para transmitir minhas impressões ao papel com mais segurança.

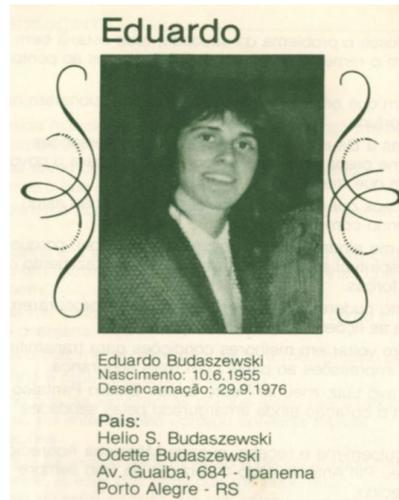
Meu avô Luiz, meu tio Pedro e meu Bisavô Pantaléo me adoçam o coração ainda amargurado pelas saudades muitas.

Desculpem-me e receba, querida Mãezinha Aparecida, com meu Pai Antônio, todo o coração do filho sempre reconhecido,

Pedro

Mãezinha...

Não fosse o problema da saudade, tudo estaria bem, mas com o remédio das orações chegaremos ao ponto da paz.



Os pressentimentos, os avisos que muitas vezes norteiam a existência de alguém, relembram episódios de outras vidas. Um dia voltaremos à origem.

No fundo da alma, algo parece antecipar notícias no tempo. A liberalidade divina doa o direito de escolha; o caminho como que se desenha, à frente de cada um.

A presença de Eduardo, grafada em suas palavras, lhe esclarece a ligeira permanência no mundo, o que se comprova quando diz:

"...bem no fundo de meus pensamentos, estava a idéia de que meu tempo seria curto... O fato é que meu encontro com a estaca final de tempo terrestre estava ali, naquele abalroamento que não me impôs sofrimento algum..."

Pessoas e Fatos

Irmãos: Marlene e Ruben

Avô: Eduardo Budaszewski, paterno, desencarnado. Cunhado: Ernesto Rodrigues Namorada: Maria Cristina

Mensagem

Querida Mãezinha Odette, abençoa-me.

Estou aqui para agradecer. Quase dois anos.

O coração parece saltar do meu peito para desfazer-me todo num abraço de carinho e reconhecimento.

Estou agradecido com teu sacrifício de vir até aqui, como quem deixa a cidade para buscar teu filho numa campanha remota.

O amor de mãe faz milagres assim.

Abraço-te com o meu pai na lembrança, com a nossa Marlene e com o nosso Ernesto, igualmente no coração, com o nosso Ruben, sempre companheiro e sempre amigo, e a nossa querida Maria, todos juntos.

Penso, querida Mamãe, e penso com os pareceres do meu avô Eduardo que me trouxe até aqui, que já teremos chorado o suficiente nesse tempo todo em que nos vimos dentro dessa transformação, que nomeamos como sendo a morte e que, no fundo, é a continuação da vida de outra maneira.

Não sei como explicar o que me aconteceu. Guardava, porém, o pressentimento de que era alguém com passagem comprada para o ônibus da morte, ignorando para que lugar esse veículo me levaria.

No íntimo queria viver, acompanhar os passos e o progresso de meu pai, viver para alegrá-los e para erguer o meu próprio lar com a nossa querida Cristina que me percebe a presença, no entanto, bem no fundo de meus pensamentos, estava a idéia de que meu tempo seria curto.

Nossa querida Cristina, muitas vezes me ouviu acerca de meus pensamentos ocultos.

Não era medo, nem aflição.

Era uma espécie de aviso flutuando em minha cabeça a dizer-me que me preparasse.

A moto não foi à causa.

Todos estão certos que eu sabia agir com prudência.

O fato é que meu encontro com a estaca final de tempo terrestre estava ali, naquele abalroamento que não me impôs sofrimento algum. Para mim, querida Mãezinha, foi apenas um choque, um desmaio, um lapso de tempo e, depois, um acordar que não esperava, embora pressentisse.

A verdade é que as lágrimas de casa foram também as minhas, até que meu avô Eduardo e outros amigos me restabelecessem a tranquilidade.

Quero dizer que as preces do Ateneu Espírita, com o nosso pessoal pensando em mim, realmente me auxiliaram bastante e agradeço por tudo.

Se pudesse pedir alguma coisa à família querida, rogaria conformação para todos nós.

Quando a Mãezinha ou meu pai com algum dos nossos me lembram, qual se fôssemos impulsionados de novo ao pânico da separação, sinto-me derrotado, pessimista, triste e vencido. Conservemos a nossa alegria e a nossa esperança sem alteração.

Noto que o nosso grupo ainda não se reajustou. Até mesmo o nosso querido Ruben ficou nervoso, traumatizado e estimaria ver o irmão mais forte à frente da vida.

Nossa Cristina não tem razão para deixar-se arrasar de sofrimento.

Rogo a ela renascimento e bom ânimo.

Um namorado e noivo pelo coração não pode ser egoísta quando ama realmente.

Os problemas vão passando e desejo vê-la contente e brilhante como sempre, na expectativa de uma felicidade que, pertencendo a ela, me pertencerá igualmente.

O amor não desaparece, ganha novas formas de expressão sempre que à distância lhe impossibilite as manifestações mais concretas.

Em nosso caso, não há distância porque pelos fios do pensamento nosso intercâmbio é incessante.

Com estas notas, não desejo dizer que a esqueci e sim que a compreendo agora muito mais que antes.

Poderei ser o irmão a velar por suas alegrias e amigo fiel que lhe compartilhará das esperanças e experiências de menina e moça.

E tudo seguirá bem se colocarmos Deus no comando de nossas vidas.

Mãe querida, muito grato pelas preces e pelo amor com que me segues. Estou bem e se não posso dizer que estou perfeitamente bem é que as saudades na soma geral, as daí com as minhas, ainda não dão para comprar a felicidade, mas, com o apoio da fé em Deus, conseguiremos adquirir a esperança e com a esperança saberemos todos trabalhar para o reencontro mais tarde.

Marlene, peço-te abraçar por mim ao nosso Rodrigues.

Meu pai está em todas as palavras desta carta e rogo-te, mãezinha, receber com os irmãos todos e com a filha Maria Cristina que é também tua filha no coração, o carinho imenso e as esperanças orvalhadas de lágrimas da alegria que me invadem os olhos, ao pensar na Bondade Divina que me permite escrever-te, com todo o amor e toda a gratidão do teu filho, sempre teu filho, cada vez mais teu.

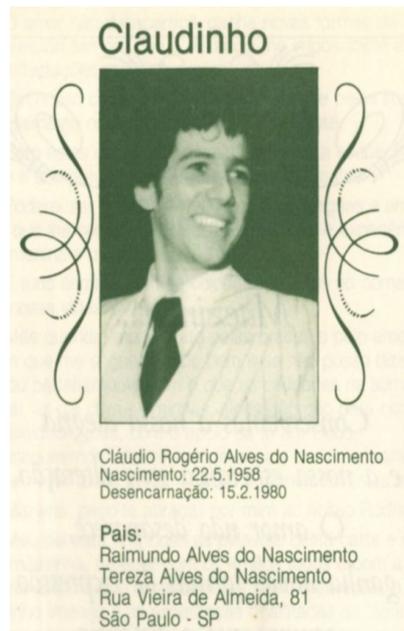
Eduardo

Um abraço para tia Dalva, tia Dulce e tia Nancy

Maezinha...

Conservemos a nossa alegria e a nossa esperança sem alteração.

O amor não desaparece, ganha novas formas de expressão sempre que à distância lhe impossibilite as manifestações mais concretas.



Nas mensagens recebidas com o carinho de quem as escreve e o amor de quem as recebe, demonstram cada vez mais o verdadeiro sentido de nossa vida em comum.

É Jesus presente, é Jesus com todos.

É dando que se recebe e amando que se é amado. Nestes ensinamentos e mensagens se entende todo o Evangelho de Jesus:

"Ame o teu próximo como a ti mesmo".

Não seremos nós, os implicados nesta visão de Jesus, nos momentos de dor e ansiedade?

Reflitamos sobre a mensagem de Cláudio.

Pessoas e Fatos

Irmãos: Carmem Radige, Carlos Ronaldo, Raimundinho e Patrícia.
Avó: Maria Pereira de Freitas, paterna. Bisavó: Antonia Pereira de Freitas, paterna. Cunhado: Luis Antonio.

Ana Ferreira Morgado, desencarnada, sogra de Carmem Radige.

Agostinho Ferreira Morgado, sogro de Carmem Radige.

Mensagem

Querida Mãezinha Terezinha e meu querido papai Raimundo, peço me abençoem.

A saudade rompe as sombras, quando nasce da luz do amor que Deus acende em nossos corações.

Sou trazido a notícias.

Sinto, quase espantado, lutando comigo mesmo a fim de me adaptar ao ambiente de modo a escrever-lhes com a possível clareza.

Sinceramente, por mim próprio seria difícil empreender a presente iniciativa, no entanto, a vovó Maria julgou conveniente lhes viesse ao encontro, no objetivo de tranquilizá-los.

Mãe querida, não me lembre com amargura. Tudo se harmoniza com as leis que nos regem.

Agradeço todo o esforço de seu carinho, procurando resignar-se com a ocorrência que me separou do corpo físico e estou realmente muito grato a meu pai pela segurança com que buscou aceitar a minha partida.

Realmente, a nossa provação foi muito difícil para ser contornada, entretanto, podemos observar que todos os fatores desencadeados antes do acidente de que fui vítima se entrelaçaram nas raízes da lógica.

De tanto ler o noticiário, acerca de violência e de tanto anotar os assaltos que se ampliam por tantas maneiras diferentes, me veio à idéia de entrar na posse de arma em que baseasse a minha defesa pessoal, em circunstâncias perigosas e inesperadas.

Comprei o revólver que mais se parecia a uma peça de museu, à vista de minha inexperiência no assunto.

Coloquei a peça em minha pasta de serviço, mais no propósito de recuperá-la, através de rigorosa limpeza, que de usá-la por mim mesmo.

A aquisição me passou pela cabeça por assunto banal que não me

pedia qualquer consideração especial.

Longe me achava de pensar que o apetrecho se voltaria contra mim, sem o concurso de minhas próprias mãos.

Era sexta-feira e imaginava como seria o repouso domingueiro, quando busquei a companhia do nosso Luiz Antonio, a fim de trocarmos opiniões sobre negócios habituais.

Tudo seguia com espontaneidade em nosso encontro de escritório, quando a pasta caiu no piso da sala e a disparada se processou, fatal.

Lembro-me apenas de que fui atingido pelo projétil que rompera o próprio revestimento da bolsa para alcançar-me e coloquei a mão no peito, experimentando uma dor aguda que, sem demora, se converteu em mim, no assombro que me prostrou.

Quis reagir, falar, perguntar, observar com mais clareza o que se passava, no entanto, creio que perdia sangue à medida que adquiria o torpor que me pôs em branco as menores linhas do pensamento...

Só mais tarde, entendi que uma força divina me propiciara a bênção do sono que me dominou por vários dias...

Quantos, ainda não sei...

Recordo-me, porém, de que despertei na idéia de que seria recuperado.

Tudo à frente se revestia de tanta identificação com o que via na Terra que, de imediato, me supus num hospital de socorro urgente, mas, pouco a pouco, os enfermeiros que me acompanhavam me deram a entender que tudo era diferente...

Meu corpo era o mesmo, aos meus olhos, e a região do ferimento trazia tampões adequados, induzindo-me a crer que me achava em nosso Plano de experiências físicas.

Tão logo melhorei, trouxeram-me vovó Maria de Freitas para o diálogo.

Não a conheci, de pronto, no entanto, com a paciência que somente as mães conseguem acumular, me notificou o ocorrido...

Senti-me desorientado, aflito...

Bastou que a verdade me invadisse a mente, para que me abrisse aos sentimentos do lar e, então, qual se eu trouxesse um vídeo por dentro de mim, passei a vê-los orando e chorando por minha causa...

Mamãe Terezinha, o que sofri, não sei descrever. Foi aquele anseio de regresso que não conseguia coibir...

Entretanto, fui obrigado a vê-los reclamando em pranto a minha ausência e, de balde, buscava eu fazer-me entendido, explicando-lhes que eu vivia.

Sei que a vovó Antonia veio igualmente em meu socorro e, amparado por vários amigos, comecei a retomar-me...

Compreendi, afinal, que para mim o período de obrigações no mundo havia terminado e busquei revisar as lições de coragem e as preces de amor a Deus que eu trazia de casa.

A coragem está voltando e a fé está renascendo em mim, mas apresso-me a pedir-lhes paciência e tranqüilidade em auxílio a nós todos.

Mãezinha, prossiga valorosa e calma.

O filho não morreu.

Estou em outras condições de existência e encontrarei meios de lhes ser útil.

Rogo a ambos, pais queridos, conservarem a nossa fé na Bondade de Deus que unicamente nos oferece o melhor.

Não permitam que a dor assuma caráter mais grave em nossos pensamentos.

Recordem o Carlos Ronaldo, a Carmen, o Raimundinho e a Patrícia que necessitam de vocês para vencerem a luta.

Os irmãos e nós precisamos do amparo com que nos estimulam a trabalhar e a viver.

Tenhamos a certeza de que ninguém teve culpa na ocorrência.

Um tiro desferido de uma pasta de serviço!

Eis o quadro em que o Senhor permitiu que eu viesse a sofrer, decerto resgatando dívidas que tenho para trás.

Todos estamos enlaçados em processos de contas que não devem se eternizar e, na essência, cabe-nos render graças a Deus por havermos encontrado o ensejo de renovação e melhoria para nós mesmos.

Querida Mamãe, nada posso pedir em casa, porque recebi dos pais e dos irmãos queridos as melhores demonstrações de carinho, mas se julgarem que ainda posso rogar algum favor, peço à nossa Carmen Radige nos ajude, renunciando ao desquite em formação.

O nosso Luiz Antonio é um homem nobre e digno.

E a filhinha reclama segurança para o amanhã.

Que a nossa querida Radige reconsidere a sua própria atitude.

O cunhado é meu verdadeiro irmão e nutre pela irmã tanto amor que não me pejo de solicitar a ela nos auxilie, na sustentação de nossa paz, encerrando uma questão que nasceu sem que nenhum de nós a justifique.

Que a nossa querida Carmen possa me escutar, não que eu mereça atenção alguma, no entanto, fui eu aquele irmão que a morte do corpo transformou de tal modo que não tenho outro recurso senão este, de rogar à irmãzinha permaneça calma e otimista em seus encargos de Esposa e Mãe. Luiz Antonio entenderá.

Ele tem estado sob enorme fadiga...

Pensa em nossa estimada dona Ana, em seu papai Agostinho, em sua prima que me antecedeu na mudança em que me vejo e precisa tanto de nossa Radige que, com a Bênção de Jesus, permanecerá em seus compromissos.

Envio meu grande abraço a todos, entretanto, peço ao Raimundinho tomar-me o lugar de colaborador do papai, a fim de que me asserene, pois ainda me reconheço em desajuste psicológico, embora o auxílio constante que recebo.

Mãezinha Terezinha e querido papai Raimundo, não posso continuar.

A emoção me sufoca a fonte dos pensamentos e me cria

impedimentos que não sei descrever.

Termino aqui esta carta, rogando-lhes amparo, o amparo da fortaleza de ânimo que me podem efetivamente doar.

Não chorem tanto, refletindo em mim e sim meditemos nas bênçãos de Deus que recebemos, todos os dias.

Papai Raimundo, Deus o abençoe, junto da Mamãe Terezinha, infundindo-lhes energias novas para vencermos as atuais tribulações.

Com muito carinho aos irmãos queridos, entrega-lhes o coração saudoso, o filho que lhes pertence com o favor de Deus.

Sempre o filho reconhecido,

Claudinho

Mãezinha...

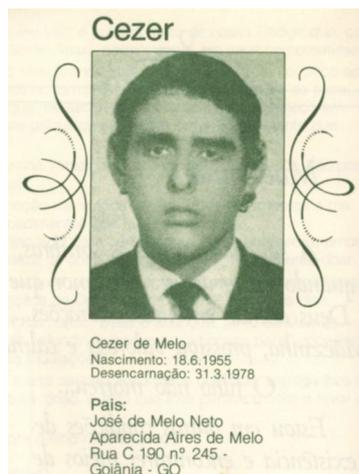
A saudade rompe as sombras, quando nasce da luz do amor que Deus acende em nossos corações...

Mãezinha, prossiga valorosa e calma.

O filho não morreu...

Estou em outras condições de existência e encontrarei meios de lhes ser útil.

Rogo a ambos, pais queridos, conservarem a nossa fé na Bondade de Deus que unicamente nos oferece o melhor.



Quem não se lembra das vezes em que; chamados pelos conselhos de quem nos estima, ouvimos: "Cuide-se bem... Preste atenção... Dirija com cuidado... Não se exceda..."

Respeitosamente costumamos desatender, mas a Providência Divina sinaliza e marca os nossos impedimentos e não adianta justificar. O Juiz da Vida encerra a contenda. O tempo está esgotado. De volta ao vestiário da verdade, a consciência fala sempre mais alto. Prova de semelhante realidade são os apelos e recomendações dirigidos a Cezer, quando alcançava as alturas, em sua máquina de vôo.

O "cessar vida" está onde Deus determina. Para Cezer, estava no volante de um automóvel e, conforme suas palavras, "na poeira do chão..."

Pessoas e Fatos

Avós: Benedito Aires da Silva e Idalina Rosa, materno.

Tios: Antonio Ferreira, desencarnado. Sebastiana Aires Ferreira, residente em Goiânia.

Primos: Dervai Aires da Silva, desencarnado. Walder Ferreira, residente em Goiânia.

Mensagem

Querida mamãe, sou filho e os filhos não se esquecem da bênção de casa para ser felizes.

Agradeço o carinho com que veio até aqui, com o vovô Benedito e com os nossos à procura de palavras minhas.

Veja mamãe, a sua palavra sempre recomendava cuidado na altura: o painel do avião poderia estar errado, as nuvens seriam traiçoeiras, as tempestades chegavam de improviso e era preciso muita prudência para não me despedaçar à frente de alguma elevação mais alta da Terra.

Recordo as suas palavras de amor e preocupação, sempre que me ausentava decolando para subir; e, no entanto, tive de largar o corpo físico na Terra mesmo, na poeira do chão.

E ninguém diga que eu estivesse com velocímetro de ultrapassagem.

Achava-me no volante com segurança e equilíbrio, mas, aquela última sexta-feira de março, era o meu dia de promover o regresso.

Rogo-lhe não chore tanto.

Peça aos nossos me abençoem, sem lamentar-me.

Olhe para o vovô Benedito e veja o retrato da firmeza.

Meu avô sempre teve razão e continua exato nas escolhas e nas definições que faz.

O princípio por aqui foi muito difícil, como acontece a qualquer início: assombros, perguntas, choro sem razão de ser e muita reclamação.

Mas, a primeira pessoa que me afagou no despertamento, foi a querida vovó Idalina, que faz questão de substituí-la por aqui, tanto quanto possível, em meu favor.

Ela tem sido incansável e, ainda agora, me acompanhou com o tio Antônio e com o nosso querido Derval, encorajando-me para que eu lhe escreva estas notícias sem lamentações.

Mãezinha, agradeço o carinho com que a senhora e meu pai me auxiliam diariamente.

Tio Antônio abençoa a senhora e a tia Sebastiana, e pede que seja dito ao nosso Walder, que ele não o esquece e que o felicita pela vitória de paz que ele atingiu, compreendendo e desculpando certas situações em que ele brilhou pelo entendimento.

Os nossos laços de amor não se desatam.

O amor é muito mais poderoso que o tempo e que a própria morte e, por isso, mãezinha Aparecida, conto com seu amparo habitual.

Estamos mais juntos e parece-me que estou mais em casa, ao lado dos corações queridos, dos quais realmente não me despeço.

Rogo-lhes coragem.

Lembre-se, mãezinha, dos outros Cezers que estão por aí, necessitando de socorro e de amor.

A caridade não é urna legenda vazia.

É uma abertura para os Céus.

Não desperdice o tempo chorando o inevitável.

Recorde os que temos a proteger e sustentar.

Perdoe-me se lhe falo assim porque, em seu trabalho, a beneficência sempre me convidou a pensar melhor.

Parece que a minha vida curta e repleta de encargos me afastava dos conselhos e avisos, no entanto, eles estão todos comigo.

Muito grato por ter vindo com o vovô e com o nosso Walder, comandando a turma.

Mãezinha, se lhe posso rogar alguma coisa, além do muito que recebo de sua abnegação, peço-lhe para que não chore mais com desânimo; choremos trabalhando, em auxílio daqueles que atravessam estradas mais empedradas do que as nossas.

Querida mamãe, nosso Walder espera uma palavra paterna, mas o tio Antônio pede a ele seguir em frente, sem prender-se às amarras que lhe seriam prejudiciais.

Todas as dificuldades passarão.

Até as minhas de jovem desencarnado, quando tudo me prometia esperança, estão desaparecendo.

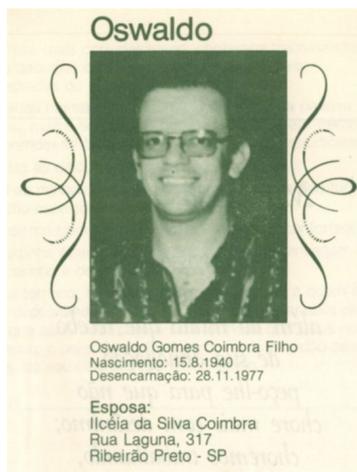
Ajude-me com seu reconforto e estarei reconfortado.

Mãezinha Aparecida, leve aos nossos a mensagem de meu carinho e de minhas lembranças.

Aqui termino, recordando meu pai, o herói a quem devo tanto, depositando em sua fronte serena e tranqüila de mãe, que sabe viver para a vida formosa que Deus nos concedeu, o beijo de profundo amor e de gratidão sem limites, do seu filho sempre reconhecido,

Cezer

<p>Mãezinha, se lhe posso rogar alguma coisa, além do muito que recebo de sua abnegação, peço-lhe para que não chore mais com desânimo; choremos trabalhando, em auxílio daqueles que atravessam estradas mais empedradas do que as nossas.</p>



Ao refletir na ausência da família, Oswaldo Gomes demonstra a compreensão da vida conjugal perfeita que cultivou e que lhe serviu de alto reconforto, além da morte.

Um trombo lhe desfez a segurança física, mas não lhe diminuiu a nobreza espiritual.

Esta mensagem traz o carinho, a elevada significação do lar e da família nas experiências do mundo, oferecendo belos ensinamentos e oportunas consolações.

Pessoas e Fatos

Filhos: André Luís Silva Coimbra, Lisandra Silva Coimbra.
 Bisavó: Maria Falcin Basso, materna.

Vovó: Amabile, materna de Ilcéia.

Tio: Silva, irmão do pai de Ilcéia.

Padre Euclides, Euclides Gomes Carneiro, fundador do Asilo Padre Euclides para velhinhos, desencarnado.

Mensagem

Querida Ilcéia, peço a Deus nos proteja e nos abençoe.

Dois meses de ausência. Não sei como expressar a estranheza que me vai no coração.

O homem providencia tudo com referência ao conforto e a estabilidade que lhe dizem respeito. Pensamos em trabalho e remuneração, família e felicidade, no entanto, nem sempre recordamos as situações inevitáveis a que todos somos destinados.

Foi assim que a morte do corpo físico me surpreendeu. Desprevenido. Às vezes; refletia nas possibilidades de um acidente e me precavia cuidadoso, mal sabendo que enquanto se está no corpo terrestre, um pequeno lapso de circulação, o peso diminuto de um trombo, podem desalojar-nos da vida de que nos asseguramos com tanta certeza imaginária.

Com estas reflexões é que venho falar a você de minhas saudades, para rogar-lhe paciência e coragem. Naquelas horas últimas, revi todos os nossos planos de futuro que não seria futuro para Terra...

Nossas conversações estavam na lembrança e a oração era em meu pensamento uma espécie de luz substituindo os nossos entendimentos. Somente ali, querida companheira, pude avaliar que Deus permanece entre nós e todos aqueles que mais amamos.

Não queria deixá-la no mundo com os nossos pequeninos, entretanto, era preciso inclinar-me a um Poder Maior que me dobrava a vontade.

E eu, querida Ilcéia, que transportei tantos medicamentos e lhes apregoava as virtudes, me via MORRER aos poucos, sem qualquer agente químico que me pudesse restituir a vida normal. Digo MORRER para significar os momentos difíceis que atravessamos, no entanto, posso hoje dizer a você que a morte é apenas um despojamento de tudo quanto nos apossamos ao nascer no mundo, sem qualquer diminuição de nossa personalidade.

Estou aqui, tão íntegro, como dantes, com você, com nosso André Luís, com a nossa Lisandra e todos os nossos familiares queridos no coração. Um muro vibratório nos separa, e tão fortemente

estruturado, que somente à custa de muito esforço poderá a ciência dos homens derrubá-lo, um dia, para que os nossos diálogos se façam mais positivos.

Perdoe-me, se me ausentei de sua companhia quando menos esperava. Até a primeira quinzena de novembro passado, estudava feliz os nossos projetos do fim de ano, algum pequeno passeio em que a visse feliz ou mais feliz com as nossas crianças, no entanto... será sempre a imaginação humana faceando a realidade que pertence a Deus.

Rogo a você não me lembrar com tantas lágrimas. Pense que seu marido está numa viagem, representando um grande laboratório - o laboratório da fé renovada que nos ilumina os corações. Estaremos juntos na criação dos meninos. Você, como sempre, será a mão abençoada que constrói, enquanto que a mim caberá a inspiração.

Quando você conversar comigo, através dos retratos, guarde a certeza de que, por um fio misterioso do coração, continuo ouvindo...

Quero vê-la reanimada, confiante nos corações amigos que Deus nos concedeu. Saiba que somos sensibilizados aqui, de modo intenso, pelo pensamento daqueles a quem nos sentimos ligados pelo amor. Por isso, rogo a você refazer energias e conservar intacta a nossa fé.

Não me recorde prostrado num leito de hospital, na perspectiva do fim que se me fez inevitável para o corpo. Reconstitua-me na lembrança, em nossos momentos mais alegres da vida.

Não diga que a nossa felicidade foi curta porque a nossa união não terminou.

Aqui encontrei, logo ao despertar, num outro clima de experiência, a vovó Maria e a vovó Amabile, com o Irmão Silva, seu tio na Vida Espiritual e com a beneficência do Padre Euclides, de quem ouvíramos tantas referências...

Não me sinto positivamente feliz de todo, porque um esposo e pai

nas minhas condições, por enquanto, onde me vejo, se reconhece lesado nos melhores sentimentos. Essa lesão é conhecida de todos do meu novo mundo. E a saudade, aquele estado de fome espiritual, que aparece na gente quando nos reconhecemos distantes das pessoas amadas.

Peço, no entanto, a você, me auxilie com as suas preces de serenidade e coragem. A oração é uma luz que se inflama por aqui em qualquer caminho, indicando-nos o rumo certo para a consolação e para a tranquilidade de que nos vejamos necessitados. E esteja valorosa como sempre.

Viuvez não existe para as uniões espirituais quanto a nossa, em que me sinto cada vez mais complementado por sua presença em mim.

Estou escrevendo ao seu coração carinhoso e belo, com o auxílio do Padre Euclides que me fez um servidor agradecido e reconfortado, nestes sítios em que me vou reencontrando muito pouco a pouco.

Perdoe-me se não posso escrever mais extensamente. Pedi para que me fossem facultados os meios de escrever a você um bilhete, mas o coração no lápis tem uma força que não conhecia até agora e o resultado, na essência, é a carta longa em que tomo o tempo de tantos amigos para resumir tudo o que de mais importante tenho a dizer a você...

É a frase de todos os dias, quando junto de nossos filhinhos poderia de viva voz repetir a você sempre: "Ilcéia querida, amo a você cada vez mais". Estas palavras nossas são a música de Deus em que pude viver sempre feliz e na qual construirei as nossas alegrias porvindouras.

Beije André Luís e Lisandra por mim e fale a eles que o papai continua esperando as melhores notas de comportamento na escola.

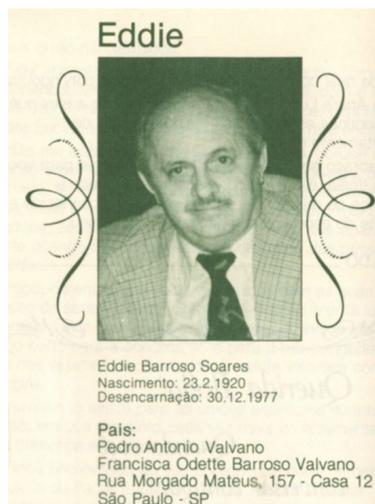
Um abraço aos nossos familiares queridos e para você, querida Ilcéia, esposa e companheira, felicidade e esperança de minha vida,

todo o coração reconhecido e confiante do esposo e companheiro
sempre seu,

Oswaldo

Querida Ilcéia...

Quando você conversar comigo, através dos retratos, guarde a
certeza de que, por um fio misterioso do coração, continuo ouvindo.



Recordar é viver e, nas recordações, encontramos Francisca Odette Barroso Valvano e Pedro Antonio Valvano a relembra-rem o gênio alegre e brincalhão, o pai carinhoso e companheiro fiel, que lhes fora o filho.

Ao findar-se o ano de 1977, foram passar o Natal no Rio de Janeiro, com os filhos, noras, netos e bisnetos, como habitualmente faziam. Retornaram em seguida a São Paulo.

Em 30 de dezembro, Eddie sai de casa, dirige-se ao trabalho profissional a fim de participar de uma confraternização em vésperas do Ano Novo.

Não retorna. Aflições, buscas e finalmente a realidade... Pairavam dúvidas, quanto ao acidente. Tudo, porém, explicado em sua mensagem.

Saudades avolumavam-se. Em 7.7.1978, sua mãe viaja a Uberaba e, em 8.7.78 recebe a palavra de Eddie, vazada na mais completa intimidade, qual o leitor poderá observar nos dados e fatos descritos.

Pessoas e Fatos

Pai do coração, expressão carinhosa, dirigida ao seu padastro Pedro Antonio Valvano.

Esposa: Maria da Penha (Peinha).

Filhos: Marpe, Edmar, Maria do Carmo e Fabiano Barroso Soares.

Netos: Rachel, Gustavo e Eliza.

Mãe Doca: Maria Aparecida Sica, médium, trabalhadora na assistência social, desencarnada em 29.6.1975 em São Paulo, muito amiga do casal Valvano.

Reproduzimos a carta que a sua mãe, saudosa, escrevera para Eddie em busca de consolo, em 10.5.1978.

Um detalhe dessa carta.

"Meu filho, não sendo possível ir agora até o nosso querido Chico, ficarei com o pensamento voltado ao Grupo Espírita da Prece."

Sem que Chico tivesse conhecimento dessa carta, em 8.7.1978, a senhora Francisca Odette recebia de seu filho a resposta, pela psicografia do querido médium.

"Tenho estado muitas vezes como o seu coração falando, pensando, estudando e até mesmo escrevendo, porque, em verdade, estamos juntos pelo pensamento".

Mensagem

Querida Mamãe Nenem, meu amigo e pai do coração.

Estou em prece rogando o amparo do Alto em nosso auxílio.

Mamãe, suas preces me iluminam a estrada. Seu filho se confessa agradecido.

Passei para este lado da vida de modo tão imprevisto, que somente consegui fazer a revisão da fé quando me conscientizei aqui, neste novo mundo que, segundo suponho, está formado em torno do nosso mundo mesmo.

Tenho estado muitas vezes com o seu coração, falando, pensando, estudando e até mesmo escrevendo, porque, em verdade, estamos juntos pelo pensamento quanto ontem. União de mães e filhos é algo de incompreensível para mim.

Parece-me que o homem, por mais amadurecido no tempo, não dispõe de recursos para cortar o cordão umbilical no mundo psicológico, dentro do qual, nossa mãe é o ídolo maior de nossas devoções.

Muito grato por suas preces e doutrinações. Peinha está em minha memória, com os filhos e netos.

Tudo por dentro de mim, nada se alterou. É como somente percebemos aquilo que está fora de nós, através dos pensamentos que transportamos conosco.

Vejo-a, com todos os nossos, em todos os ângulos do meu novo caminho.

Mãe querida, sempre que possível reconforte a Peinha e os meus que são nossos.

Não desejo se fixem na lembrança do que me ocorreu, entretanto, para que não haja culpa em ninguém, posso informar que o acidente que me obrigou a deixar o corpo físico, veio a efetuar-se na Avenida Brasil, onde eu esperava algum ônibus ou táxi, que me reconduzisse ao centro da cidade para compra de algumas lembranças para o Ano Novo.

Era o começo da noite do dia 30 de dezembro e queria adiantar-me. A 31, as lojas estariam repletas. Entretanto, quando refletia nisso, um carro grande me atirou de surpresa ao encontro da calçada e não pude evitar a queda do corpo pesado, fraturando a base do crânio.

Atormentei-me ao imaginar que a esposa teria dificuldades em reencontrar-me, entretanto, Mamãe, muito contragosto notei que as manifestações verbais me haviam sido cassadas, porque, em vão, tentei articular algumas palavras.

Sabia que em casa me esperavam e a impossibilidade de fornecer qualquer informação me afligia, de modo indescritível. Compreendi, porém, que estava atingindo uma crise para a qual as suas palavras amorosas me haviam preparado a receber e tentei aquietar-me.

Foi quando a hemorragia cessou ou me pareceu cessar e vi junto de mim a nossa bondosa Mãe Doca a sossegar-me o ânimo assustado.

O que foi separar-me da Peinha e dos filhos queridos Marpe, Edmar, Maria do Carmo e Fabiano e dos netinhos Rachel, Gustavo e Elisa, o seu carinho pode imaginar...

Mãe Doca me transportou para a Casa Branca do Caminho que a esperava por aqui e senti-me aliviado.

Aquela veneranda mulher que não cheguei a compreender suficientemente me acolheu, qual se me fosse outra mãe e estou em tratamento de reconstituição de energias até hoje.

Felizmente, vou melhor e mais conformado.

Já sei que tenho à minha frente uma longa estrada a percorrer, de vez que preciso trabalhar muito para cooperar espiritualmente com os nossos, especialmente o nosso Fabiano que deixei numa idade perigosa e que me obriga a pensar.

Querida Mamãe, receba com o meu melhor amigo e pai do coração, nosso querido Pedro, um abraço do filho que voltou a ser criança.

A Casa Branca do Caminho na Espiritualidade é um grande e abençoado lar de refazimento.

Agradeço a caridade que o seu generoso coração tem praticado em minha intenção. Esse é o nosso melhor caminho para o reencontro.

Ore, ainda e sempre por mim. Preciso fortalecer-me.

Querida Mãezinha, o impulso de escrever está esmorecendo em minha alma. Isso é o sinal que devo parar.

Conforte os corações que lhe deixei e não os abandone.

Mãezinha, ainda estou fraco e quase inseguro para escrever cartas. Por isso, vou terminar pedindo para que seja dito à nossa querida Peinha que estou bem, conquanto as saudades grandes.

Diga-lhe que Deus não nos desfavorece e, por isso mesmo, ela e nossos filhos não sofrerão qualquer falta.

Rogando ao seu amor e ao amor do pai do coração, Pedro, não me olvidarem nas preces de que ainda necessito a fim de fortificar-me, entrego-lhes o coração reconhecido do seu filho.

Eddie

Mãezinha...

Parece-me que o homem, por mais amadurecido no tempo, não dispõe de recursos para cortar o cordão umbilical no mundo psicológico, dentro do qual, nossa mãe é o ídolo maior de nossas devoções.

Carta para meu filho Eddie

Meu Eddie, sempre querido.

Aproxima-se o Dia das Mães, dia este que você nunca deixou de vir do Rio, para me homenagear. Será que nesse 14 de maio o meu filho não vai mandar um recado, uma palavrinha para consolo meu? Será que mereço?

Queremos agradecer a bondosa Irmã Doca, o noticiário que nos transmitiu, através da mensagem do jovem Carlos Alberto de Toledo, na noite de 28/01/78, dizendo ter sido ela quem lhe esperou na entrada para a vida espiritual.

A sua separação, brusca e repentina, foi um golpe muito duro para o meu coração de mãe.

Fizemos o máximo esforço para chegar ao Rio a tempo de assistirmos seu enterro — o Pedro, eu e suas irmãs Daisy e Darcy — porém, Deus achou melhor que não o visse mais.

O que se passou naquela noite de 30/12 continua na sombra do mistério, das suposições, sem uma notícia positiva para se chegar a uma conclusão.

Sei que devo me conformar, que Deus dá, mas também pede de volta, sem aviso prévio.

Sei que não devo chorar tanto, mas creia que faço por não saber me conter.

Você está constantemente no meu pensamento!

São passados quatro meses e meio...

Nesse ínterim fomos ao Rio duas vezes, levar um pouco de consolo aos seus filhos e à sua mulher.

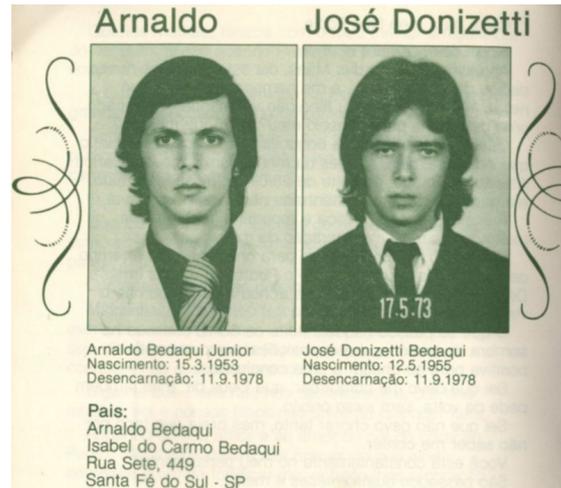
Eles também sentem demais a sua falta, principalmente o Fabiano, seu caçula.

Meu filho, não sendo possível ir agora até o nosso querido Chico, ficarei com o pensamento voltado ao Grupo Espírita da Prece.

Um beijo saudoso de quem sempre lhe amou muito e pedindo perdão por algumas falhas na educação que lhe dei, receba a bênção de sua

Mamãe

São Paulo, 10 de maio de 1978



Nos recursos da vida que nos apóiam a procura da posição adequada no relacionamento humano, deve-se ter em conta que o roteiro é por nossa conta e o subsídio é doação de Deus.

Por vezes, a inteligência do homem não encontra as razões e indícios dos pseudos-males que atribui a si própria.

As causas primárias retornam com os efeitos no momento preciso e, sem saber como, independente das circunstâncias, tristes ou festivas, rumamos ao encontro do nosso resgate perante o passado. O local dos débitos assumidos reclama-nos à volta, faz-se palco para os ajustes da libertação. A presença de Deus é imediatamente reconhecida, os Benfeitores Espirituais estão à volta no socorro esclarecedor, lenitivo abençoado que afasta o desespero e nos encaminha à paz almejada.

Os irmãos Bedaqui transmitem esses apontamentos com clareza e nos servem de valioso ensino para o encontro da verdade na presença das leis de Deus.

Pessoas e Fatos

Irmãos: Afonso e Rodolfo Cesar.

Vovó Isabel, Bisavó materna.

Monsenhor Gonçalves, padre de São José do Rio Preto, desencarnado.

Tio: José Bedaqui, paterno.

Siderley Mendonça Rocha, amigo de Arnaldo, irmão de Sirley e cunhado de Emerson.

Sirley Mendonça Rocha, Emerson Mendes Pereira e Walquiria Gomes Leite, todos desencarnados juntamente com Arnaldo e José Donizetti, no dia 11.9.1978, na Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, próximo a Mongaguá, Praia Grande, São Paulo.

Mensagem

Querida mamãe, querido papai Arnaldo, estou ainda como quem volve de uma tempestade para uma notícia rápida aos entes queridos, mas embora isso, não me esqueço de pedir-lhes para que me abençoem.

Não sei o que escrever.

Tenho ainda no cérebro o barulho das máquinas, no entrechoque em que nos atrapalhamos.

Estou vendo o João Afonso com o Siderley e tudo me parece um pesadelo.

Vínhamos da praia, onde havíamos atravessado as alegrias do domingo, sem pensar noutro assunto que não fosse o retorno à paz de casa, quando o carro enorme investiu sobre o nosso.

O pânico estabelecido não durou muito, porque a batida nos silenciara. De minha parte quis gritar, fazer força para socorrer a Sirley e verificar o que havia com os outros, mas o golpe me estirara imóvel.

A ânsia de falar não encontrava a boca que me pudesse externar os pensamentos e não consegui senão ouvir gritos, ali na paisagem de Mongaguá, quando nos preparávamos para varar toda a extensão da Praia Grande, a fim de ganhar altura para o caminho da Santa Fé.

Não posso narrar o que nos aconteceu. Creio que nosso caro Siderley poderá dizer com mais segurança o que sucedeu, porquanto, não tenho para emitir, senão impressões propriamente minhas, que vou coordenando pouco a pouco.

Mãezinha, de começo para nós e especialmente para mim, tudo foi um sono pesado de injeção sedativa em dose alta para imobilizar um leão.

Parece-me que Deus manda os anjos da misericórdia cerrar as pálpebras dos que largam o corpo compulsoriamente, em lances dolorosos qual aquele em que nos vimos, porque somente dei conta de mim num hospital que julguei fosse uma instituição de socorro da Terra mesmo.

Não preciso dizer que gritei à feição de criança espavorida chamando a família, mas foi a vovó Isabel com o Monsenhor Gonçalves, que vim a conhecer aqui na vida diferente em que nos encontramos, as pessoas que me esclareceram devidamente.

Não adiantará dizer que choramos tanto quanto choravam em nossa casa. Pouco a pouco recobrei as forças e pude rever o Donizetti, o Emerson, a Sirley, a Walquíria e lastimar em companhia deles o que nos acontecera. De todos nós o Emerson é aquele que mais se traumatizou, em vista da família querida que começara a organizar. Mas estamos todos melhorando.

Papai Arnaldo, rogo-lhe conformação. Conosco veio o tio José que lhe pede muita serenidade.

— O João Afonso e o Rodolfo estão aí precisando de proteção e assistência.

Agradeço ao amigo Siderley os pensamentos reconfortantes que nos dirige. Tenho muito a agradecer e pouco para contar, pois que ainda me vejo espantado, por vezes custando a acreditar que nos transferimos à força para um ambiente totalmente diverso daquele em que sempre vivemos.

Mãezinha continue orando por nós.

A prece é um diálogo no silêncio.

Ouvimos as petições em nosso favor e passamos a renovar-nos para merecer as bênçãos que são rogadas em nosso favor.

Desejava escrever muito, no entanto, estou ainda reduzido ao assombro.

Não culpem a ninguém.

Aqui é que a gente observa que um acidente pode ocorrer num segundo sem qualquer intenção culposa para os que transitam na estrada. Os desastres acontecem e já sabemos que todos vocês na Terra continuarão em carros e aviões pela necessidade de ganhar tempo.

É preciso aceitar estas verdades e seguir para a frente. O tempo vai consertar os erros, se é que erros existem aqui ou ali.

Tenho a cabeça dolorida e a memória não dá para certas particularidades. Posso dizer simplesmente que vamos indo bem, tão bem quanto se permite estar bem aqueles que são retirados de ferros e engrenagens imbatíveis ou atirados no chão à maneira de pedras contra outras.

Estaremos melhor quando nos habituarmos com a nova forma de ser.

Querida Mãezinha e meu querido papai, a vovó Isabel e o tio José os abraçam.

Em nome dos que não puderam vir, transmito-lhes muito reconhecimento e carinho, ao mesmo tempo que lhes peço abençoar sempre o filho agradecido,

Arnaldo

Mensagem

Querida Mãezinha e meu querido papai Arnaldo.

Estamos presentes, os filhos agradecidos, solicitando a bênção de sempre.

O aniversário é do Arnaldo, entretanto, a mamãe me encontrou em sonho e se preocupou de tal modo que sou eu o autor desta carta, que escrevemos com o desejo de vê-los asserenados, quanto a nós.

Se desejam notícias da ocorrência passada, aí está junto de vós a memória do nosso caro Siderley funcionando com mais exatidão do que a nossa, por isso mesmo, não me deterei no caso de Mongaguá, uma cidade tão distante da nossa querida Santa Fé do Sul. Apenas menciono o imperativo das leis da vida que se cumprem sempre. Imaginem, tantos quilômetros de terra a nos separarem do mar, entretanto, fomos impulsionados para buscar a Praia Grande onde se achavam os recursos necessários ao nosso resgate.

Quando falo nisso, reporto-me à reencarnação.

A pessoa, por vezes, se endivida à distância do lugar em que forma novo corpo, no entanto, de qualquer forma é chamada pela vida ao palco em que assumiu determinados débitos a fim de criteriosamente resgatá-los. Mas deixemos isso para lá. O que passou, passou.

Nossa Walkíria e nossa Sirley vieram conosco. E, também, da nossa caravana afetiva, partilham nossa irmã Natalina e nossa irmã Esther, a quem o nosso Emerson, presente conosco, abraça carinhosamente pedindo-lhe calma, resignação e fé em Deus.

Nosso Siderley está melhor, mas precisa esquecer, mas esquecer mesmo, aqueles quadros que lhe ficaram pesando na cabeça.

Não desejamos dizer que não sentimos. Todos dividimos a dor em parcelas enormes e iguais para cada um.

É muito amor para ser podado de vez, diante dá morte. Em razão disso, o peso da mágoa balança entre os dois lados.

Mãezinha, o seu carinho compreenderá que não pode ser diferente, mas somos de Deus e necessitamos caminhar.

Rogamos a todos a vida renovada e adeus para o sofrimento. O que vale é a esperança e a esperança palpita em nós, à maneira da árvore cortada quando deita novos ramos, por mãos renascentes,

acenando para o futuro. Lembrem-nos alegres e felizes.

Não podem olvidar que achamos a própria desencarnação numa festa de confraternização, quase noivado, mas estejam conscientes de que os nossos queridos noivos aqui se reunirão em abençoado lar para mais tarde reconstituir o lar terrestre. Não me perguntem como, a noite é curta para uma conversação de interesse entre a vida e a morte.

Tanto Arnaldo, quanto eu, Sirley, Walkíria e Émerson, estamos tão vivos quanto antes e fazendo projetos para ser úteis, especialmente a vocês mesmos.

Nosso Émerson promete à nossa irmã Esther a assistência constante de todos os momentos e pede-lhe para que não desanime. Não faltarão recursos para a querida esposa e para as filhinhas, ele repete, confiante em Deus.

Agora, com os nossos parabéns para o irmão aniversariante, sem qualquer tristeza por nos encontrarmos em outro plano da vida, pedimos nós para que transformem a nossa festa de casa em bolos e pães que façam a alegria de nossos novos convidados, os companheiros de luta e de necessidade na Terra, que estamos aprendendo a encontrar e a conhecer.

Siderley, fique com o nosso afeto.

João Afonso e Rodolfo, nossos queridos irmãos e substitutos, guardem as nossas lembranças e aos queridos pais e nossas irmãs presentes, sempre ligados ao nosso Emerson e a nossa Sirley, o abraço muito afetuoso dos irmãos Bedaqui.

Mãezinha e papai Arnaldo, recebam o coração alegre e reconhecido do filho agradecido que lhes deseja toda a felicidade da paz com Deus.

Sempre o filho e amigo de todos os dias,

José

A prece é um diálogo no silêncio

Arnaldo

Mãezinha...

...Somos de Deus e necessitamos caminhar.

Rogamos a todos vida renovada e adeus para o sofrimento.

O que vale é a esperança e a esperança palpita em nós...

José



"Quando o médico pronunciou a notícia que o óbito se fizera, ainda estava com os ouvidos funcionando entre as duas vidas e tive receio e orei" ...

A prece que confirma a fé.

A oração que Jesus ensinou para o contato com Deus.

As palavras e o coração que se transformam na rogativa, ao confirmar-se a nossa realidade.

A busca da proteção de Deus.

A consciência do retorno para a vida espiritual.

A certeza das muitas moradas na Casa do Pai está expressa nas palavras de Frederico, de acordo com o texto inicial, que se confirma para as conclusões do leitor amigo.

Pessoas e Fatos

Filhas: Sandra e Sonia Birnstiel.

Esposa: Sabina Birnstiel.

Avó: Berta Birnstiel, paterna.

Marquês de Valença, um recanto no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro.

Mensagem

Mãezinha, Dalila peço a sua bênção.

As petições como que me envolvem numa espécie de melodia pela qual venho até o seu coração para esta ocorrência maravilhosa, a possibilidade de comunicar-lhe a certeza de que seu filho vive.

Terminaram, mamãe, as canseiras e as inquietações. A morte do corpo, ao que me parece, em questões de corpo doente é comparável ao mata-borrão sobre o papel manchado de tinta.

Minhas aflições principais encontraram um fim. Entretanto, como a dizer que onde haja vida há necessidade de luta por aperfeiçoamento, e eu perdendo as inibições fundamentais apareceram-me outras. São as preocupações com os que ficaram.

A senhora sabe, Sandra e Sônia tanto quanto a senhora, estão aí no mundo e eu estou na condição de filho e pai, a esforçar-me laboriosamente para encontrar a posição de equilíbrio entre os apelos, as tarefas de elevação espiritual e o serviço junto aos corações queridos que a retaguarda os conserva. Peço-lhe, não guarde ressentimento contra a nossa estimada Sabina.

Pense mãezinha, que ela foi minha esposa e é mãe de suas queridas netas. Se não fez mais por mim é que não conseguiu. Ela não teve culpa do ocorrido. No dia 15 me sentira indisposto. Essas desarmonias orgânicas que qualquer adulto carrega em tempo de achaques.

Ela supôs que a minha condição não fosse tão grave. Aliás, seu filho sempre teve períodos de silêncio e reserva mesmo em casa, tentando auscultar a mim próprio. Ela julgou que a minha imobilidade era uma exigência formulada por mim próprio para que ninguém me incomodasse.

Quando se deu por conta de que meu corpo não reagia como de costume, alarmou-se e tomou as providências de que necessitava. O resto é do seu conhecimento.

Que pensei no seu carinho maternal, pensei mesmo, no entanto, Marquês de Valença ficava longe e também eu ignorava que estivesse a desprender-me rapidamente da vida física como acontece ao pássaro preso por muito tempo, quando cai mecanicamente por alguma abertura inesperada. Tudo foi natural e espontâneo.

Quando o médico pronunciou a notícia que o óbito se fizera, ainda estava com os ouvidos funcionando entre as duas vidas e tive receio e orei, mas de súbito ouvi a voz de meu pai Max solicitando-me paciência e calma.

Pareceu-me que as palavras dele se me infiltravam na cabeça por sedativo poderoso que me imobilizou num grande sono. Tive uma série de sonhos que recapitulavam os mínimos fatos de minha existência.

Quando acordei, papai e minha avó Berta falavam comigo, convidando-me a pensar em termos de outra vida. As lágrimas me vieram do coração para os olhos e nesse pranto estavam todos os entes que amo, a começar por sua alma querida que me embalou nas horas primeiras da vida na Terra.

Mamãe, graças a Deus chorei em paz e com essa paz é que venho ao seu encontro para agradecer e explicar-me. Ninguém se descuidou do seu filho, fui muito bem tratado.

Nada me faltou, a companhia foi sempre boa e peço-lhe para que a receba em seu coração de mãe também por filha.

E a vida seguirá para adiante, os dias passarão, as nossas meninas crescerão como flores de Deus e a viagem de nossos espíritos prosseguirá no tempo e medite mamãe, no céu azul que se abre de canto a canto, lembrando a casa de todos aberta a fim de que nenhum de nós se perca, diante da Bondade Eterna que vela por nossa segurança e por nossa existência.

Deixe que o sol da esperança e da alegria a encontre por dentro da própria alma e caminhemos. A senhora me esperou na Terra, quando reapareci pequenino em seus braços, pois de minha parte, agora a

esperarei em meu coração quando as Leis Divinas determinarem o nosso reencontro. Mas saiba que lhe desejo muita vida e muito tempo ainda dentro da vida.

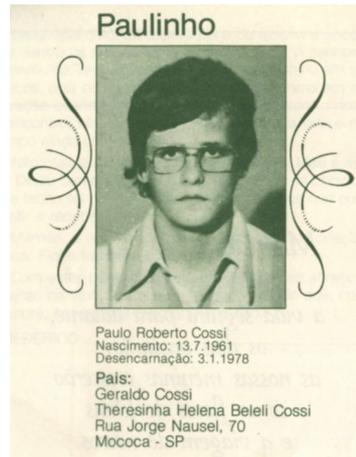
Não cultive mágoas e abençoe, sempre. Mãe é sinônimo de Deus. Sempre pensei assim e continuo na convicção de que tenho no seu carinho a parcela de Deus que pude sentir e receber.

Mamãe, a vida não termina, tudo é belo na criação de Deus. Fique tranqüila e seja feliz.

Com estes pensamentos a envolvê-la num abraço de imenso carinho, sou o seu filho reconhecido que, como sempre, lhe entrega o próprio coração.

Frederico

<p>Mamãe... A vida seguirá para adiante, os dias passarão, as nossas meninas crescemos como flores de Deus e a viagem de nossos espíritos perseguirá no tempo...</p>
--



Paulinho, na maneira delicada em dialogar com sua mãe e atento aos esforços despendidos por seus pais, em evidente preocupação, roga-lhes cuidados e coragem para os seus compromissos com a existência terrena. Alerta sua irmã Paula a agir com mais prudência nos caminhos da vida e a seus parentes, os pontos comuns do esclarecimento a cada um.

Reafirma-se com a presença do amigo Laurinho e Amigos Espirituais.

Pessoas e Fatos

Irmãos: Geraldo Cossi Júnior, desencarnado em 12.12.1976 e Paula Roberta Beleli Cossi.

Avós: Alzira Marobi Beleli, materna. Clarice Cossi, paterna, desencarnada.

Vovó Helena, desencarnada há mais de 40 anos.

Tios: José Benedito Estevez, Lúcia Beleli Estevez. Lauro Basile Filho - Laurinho, amigo de seu irmão.

Professor João Cid Godoy - Diretor do Grupo Cid Godoy, em Mococa, onde sua mãe cursou o primário. Desencarnado em 16.6.1951.

Mensagem

Querida mãezinha Theresinha, abençoe-me.

A carta seria desnecessária. Ninguém pode negar que mães e filhos jamais se separam. Entretanto, mamãe, o amor é assim mesmo, sempre espera reafirmações, pois seu filho está nestas folhas de papel, trazendo o coração na ponta do lápis.

Primeiramente, quero agradecer os seus sacrifícios por nós. Entendo a luta que se formou, seu espírito de iniciativa e criatividade precisando sustentar-se no trabalho e o papai Geraldo ponderando quanto aos empecos.

Querida Mãezinha, o assunto para seu filho é realmente curioso. Isso porque deve dividir a razão em partes iguais.

A senhora sabe: lecionar quase cem quilômetros de casa é um heroísmo que meu pai, cuidadoso por sua saúde e segurança, desejaria impedir... Por outro lado, o seu amor à família não encontra outra solução ao problema e continua de carro pela estrada afora, dia por dia, de maneira a preservar certas e compreensíveis vantagens para o futuro.

Compreendo o papai e não posso negar à senhora razão bastante para efetuar o seu próprio desejo.

O tempo na Terra exige deslocamentos, esforço, empreendimento, coragem para sobreviver.

É assim que pediria ao querido Papai Geraldo, proteger a máquina, tanto quanto possível, mesmo com o dispêndio dos recursos necessários a fim de assegurar-lhe paz em viagem, ao mesmo tempo em que me cabe rogar a Jesus protegê-la em suas excursões obrigatórias.

Mãezinha, sei que a Paula auxilia.

Entretanto, peço a você para que siga em marcha um pouco inferior aos oitenta quilômetros da tabela.

Entendo, quem maneja um volante se preocupa muito mais com a

oportunidade do que com o velocímetro, mas é preciso não esquecer que sai a serviço para o sustento justo do lar, até que alguma providência a situe em nossa Mococa ou mais próximo de casa. E todas as dificuldades prováveis devem ser podadas, antes que apareçam...

Como vê, querida mamãe, entre a senhora e meu pai Geraldo, o coração de seu filho está balançando, mas creia, em cada batimento o meu coração pede a Jesus amparar-nos e abençoar-nos em nossas tarefas.

Aproveito o ensejo para pedir ao papai confiança, tanto quanto rogo prudência à nossa Paula. E vamos seguindo, na certeza de que amanhã ou depois de amanhã, Deus nos concederá o melhor...

Papai é um homem carinhoso e reservado e saberá compreender-nos.

Não apenas peço a ele, mas rogo a ele por nossa paz, igualmente à vovó Alzira e à nossa querida Lúcia.

Os obstáculos passam para a retaguarda, sempre que a gente se decida a caminhar para adiante.

A tia Lúcia ganhará muita serenidade esquecendo certas alfinetadas que a ferem por fora...

E pensemos...

O tio Estevez estará conosco em momento oportuno.

Hoje, tenho em minha companhia não somente o amigo Laurinho a quem o seu carinho me recomendou, mas também a vovó Clarice e a vovó Helena e diversos amigos do nosso amigo Professor João Cid Godoy.

Estamos em assembléia de amigos e conservo a certeza de que o papai Geraldo me compreenderá, facilitando a mobilização do carro em nosso favor.

De uma coisa fico certo: é melhor trabalhar e trabalhar firme, qual acontece com você, querida mãezinha, do que ficar no leito, a pensar entre quatro paredes, indagando para onde a doença nos poderá

conduzir...

Tudo está bem. E depois de tudo, aguardo em Jesus que dentro de meses rápidos o problema do serviço estará solucionado. A senhora, efetivamente, não pode se desinteressar dos frutos de seu esforço, no plantio de tantas bênçãos em que a senhora tem sempre vivido.

Deus nos auxiliará, tenhamos fé.

Não sei se debati a nossa questão doméstica vantajosamente, mas creia, mamãe, que estou escrevendo com todo o meu coração.

Fique com Jesus e fique alegre.

Não existe abandono da parte dos Céus; seremos amparados.

Desejo de prosseguir é grande, mas devo encerrar minhas notícias com lembranças a todos.

Que a senhora seja sempre a fonte de compreensão e paz em nossa casa é tudo o que posso desejar de melhor para nós todos.

Peço ao papai Geraldo e à vovó Alzira para que me abençoem e, contando sempre com a sua bênção de amor em meus passos, beijalhe as mãos queridas o filho sempre seu, sempre seu filho e companheiro de todos os momentos, no amparo de Deus que será nosso refúgio, agora como sempre, sempre o seu,

Paulinho

Fim